O caderno 20 ou caderno das *Visões*

Jerónimo Pizarro* e José Barreto*

Keywords

Fernando Pessoa, *Visões*, Pantaleão, João Franco, Carlos I of Portugal, Portuguese Monarchy, English Poems.

Abstract

Fernando Pessoa's notebooks started to be published in 2009, but soon after further publication turned out to be unfeasible. In these pages an annotated transcription of the notebook 20 (BNP/E3, 144A2) or notebook of the Visions is presented. The notebook also includes poems in English and political writings in Portuguese.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, *Visões*, Pantaleão, João Franco, Rei D. Carlos I, Monarquia Portuguesa, Poemas Ingleses.

Resumo

Os cadernos de Fernando Pessoa começaram a ser publicados em 2009 e depois a sua publicação tornou-se inviável. Nestas páginas dá-se a conhecer a transcrição anotada do caderno 20 (BNP/E3, 144A2) ou caderno das *Visões*. O caderno também contém alguma poesia inglesa misturada com os escritos de índole política em português.

* Universidad de los Andes.

* Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa (ICS-UL).

As *Visões* e outros trechos sobre política portuguesa contidos neste caderno, incluindo algumas notas em inglês, foram escritos no Verão de 1908, ou seja, meses depois do regicídio e pouco depois de Fernando Pessoa ter completado vinte anos (13 de Junho). Esse ano começara com grande agitação política, num culminar do clima revolucionário que os republicanos estavam a criar desde 1905, a partir do escândalo do contrato dos tabacos. Em 1906-1907 esse clima fora levado ao rubro, com a exploração da questão dos adiantamentos à Casa Real e com os protestos pela dissolução do parlamento e pela entrada do governo de João Franco em ditadura. No início de 1908, os conspiradores republicanos, coligados com dissidentes do Partido Progressista, organizaram uma revolta armada contra o poder (28 de Janeiro), que foi jugulada no próprio dia. O governo preparou então um decreto que previa a deportação dos responsáveis da revolta (30 de Janeiro). Seguiu-se, a 1 de Fevereiro, o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe primogénito Luís Filipe, obra de elementos da Carbonária, uma organização revolucionária republicana. Na sequência do regicídio, o governo de João Franco foi demitido e a sua política foi classificada como criminosa pelos partidos monárquicos que até então tinham estado na oposição, atribuindo-lhe as causas do assassinato do rei. A 4 de Fevereiro, o quase imberbe D. Manuel II deu posse a um governo chamado de "Acalmação", misto de progressistas e regeneradores (dos partidos ditos "rotativos", por se alternarem no poder), chefiado pelo vice-almirante Ferreira do Amaral, que iria manter-se em exercício até ao Natal. É nesse período que o jovem Fernando Pessoa alinhava as *Visões* e se decide também a escrever, entre outras obras em inglês, um livro sobre o regicídio (*The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal*), animado da intenção de combater a má imagem que a imprensa estrangeira estava a transmitir sobre os acontecimentos políticos de Portugal. Desse projecto, de execução programada para o Outono de 1908, mas não concretizado, nasceria logo um outro, mais vasto, igualmente em inglês, intitulado *History of a Dictatorship*, que o mobilizaria em 1909 e 1910. Nunca o concluiu, apesar de ter adiantado bastante a sua escrita, pois entretanto a revolução de 5 de Outubro o faria reformular novamente os seus projectos.

As *Visões* – atribuídas num outro caderno, a Pantaleão (BNP/E3, 48C-3^{r}; ver Anexo) –, na sua maioria de tom satírico, testemunham do crescente interesse do jovem Pessoa pelos acontecimentos políticos portugueses e dum vivo sentimento de repúdio pela Monarquia decadente e pela corrupção em que a tinham atolado o rei e os políticos dos partidos rotativos (designados nesses textos como "ladrões"). Sente-se já alguma simpatia, não expressa, do autor pelo republicanismo, que só em 1909-1910 se tornará mais patente nas referidas obras em inglês. No incompleto prefácio às *Visões* (que imaginava, pois, publicar autonomamente), Pessoa diz repetidamente: "eu não combato a monarchia; combato a monarchia portugueza"; e acrescenta: "A monarquia tem-se tornado em alguns paizes compativel com a

maior civilização, deixando de ser [...] monarquia. Quanto menos monarchia é, melhor sahe." Ora esse não seria o caso em Portugal.

Os personagens das *Visões* são frequentemente, mesmo quando não directamente identificados, os políticos monárquicos e o rei. Não pode haver muitas dúvidas de que o "corpo gordo e oleoso" repleto de moedas de ouro, abatido com dois tiros que soam de forma "extranhamente feliz, cantante", se refere ao rei D. Carlos I, nessa época apodado pelos republicanos de "chefe dos ladrões de Portugal". Não há dúvida, também, de que "o homem de má cara" é João Franco e que o "homem da mão gorda" é, novamente, o rei D. Carlos, identificado noutro texto também pela referência ao charuto. Certas alusões serão mais enigmáticas e outros eventuais subentendidos quase impossíveis de decifrar.

O Sr. Pantaleão é um dos candidatos a autor das *Visões*, visto que por volta de 1909 surge um outro autor fictício, Manuel Maria, como responsável pelas mesmas. É importante sublinhar este ponto, porque o nome de Pantaleão não figura no caderno 144A[2] – embora apareça em lista de projectos (cf. BNP/E3, 48A-44; ver Anexo) – e porque depois de 1908 esta figura se foi esfumando. Como se explica em *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios* (2013), o Sr. Pantaleão foi designado como o autor de várias obras, mas pouco depois: "Da Cunha Rey (cf. 83) ficou com a sua 'Administração colonial'; Bangem (cf. 84) com a sua 'Psychose'; e Manuel Maria [...] herdou as suas 'Visões', segundo os planos que se conhecem desta publicação. Parece-nos improvável que Manuel Maria fosse o nome verdadeiro do Sr. Pantaleão, mas esta também é uma interpretação possível, que levaria a crer que não houve uma substituição de personagem, mas uma simples mudança de nome. Contra esta interpretação pode invocar-se um esquema de 1909 em que coexistem os dois nomes: 'Artigo de fundo | Poesia politica | Sueltos | Cartas do Sr. Pantaleão | Visões de Manoel Maria | Parte litteraria' (BNP/E3, 55D-101[v]). A nosso ver, Da Cunha Rey, Bangem e Maria não são tanto desdobramentos do Sr. Pantaleão, mas novas figuras surgidas para colaborar em novos jornais (*O Phosphoro*, mas também *O Iconoclasta*), onde Pantaleão também teria o seu lugar e onde publicaria as suas «Cartas», junto com textos de Joaquim Moura-Costa (cf. 87), Carlos Otto (cf. 88), Miguel Otto (cf. 89), o Padre Gonçalves Gomes (cf. 90) e Vicente Guedes (cf. 91)" (Pessoa, 2013: 304).

Este caderno pode ser considerado o número 20, seguindo a cronología já elaborada em 2009 para a publicação do conjunto de todos os cadernos de apontamentos pessoanos, dos quais a Imprensa Nacional-Casa da Moeda publicou os primeiros dez: veja-se o vol. XI da Edição Crítica de Fernando Pessoa. Os cadernos que a INCM não publicou depois de 2009 e que hoje não está interessada em publicar, serão publicados nos números seguintes da revista *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*. Começamos com a publicação do numero 20, porque complementa os trabalhos mais recentes de José Barreto, sobre *History of a Dictatorship*, e de Jerónimo Pizarro, sobre Pantaleão e outros autores fictícios.

Também complementa o trabalho de pós-doutoramento de Patricio Ferrari sobre a poesia inglesa de Fernando Pessoa, porque o caderno 144A^2 contém vários poemas ingleses de 1908. Refira-se que Patricio Ferrari reviu as transcrições desses poemas e colaborou na preparação final deste documento; daí algumas propostas de leitura e a extensa nota sobre o poema "Sunrise on Lisbon". Seguindo o esquema estabelecido em 2009, o caderno 20 ou caderno das *Visões* pode ser descrito da seguinte maneira:

Localização: BNP/E3, 144A^2. Pode ser consultado (sem transcrição) numa página da Biblioteca Nacional Digital: http://purl.pt/1000/1/cadernos/index.html.

Materiais: Caderno constituído por 30 folhas, com 52 páginas manuscritas, de 22,4 x 16,8 cm. Não tem capa, foi agrafado no centro e encontra-se manuscrito a tinta preta, a lápis, a lápis roxo e a lápis azul.

Paginação: Apenas existem as cotas do inventário, de 144A^2-1 a 144A^2-30, mas Pessoa, que não numerou as páginas do caderno, numerou algumas das *Visões*.

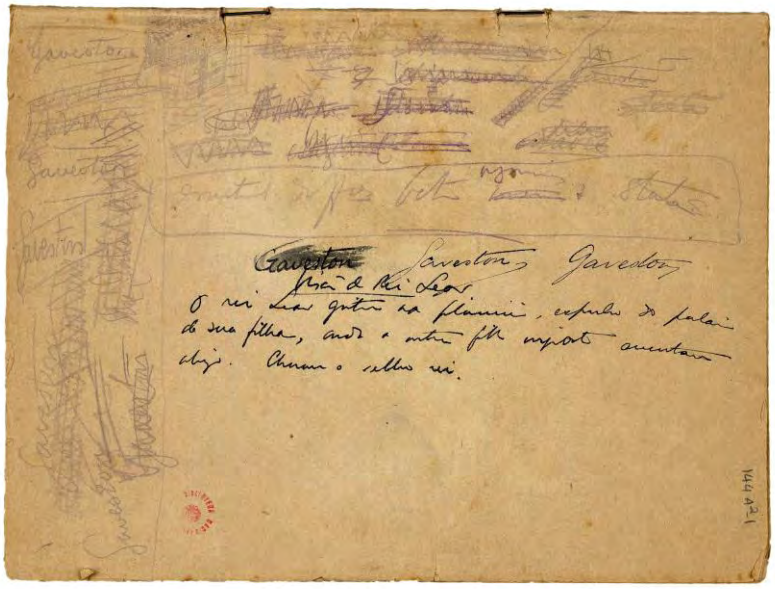
Datação: Na página 144A^2-13^r encontra-se um poema em inglês datado de "23-7-08 | 4:45 a.m."; em 144A^2-24^v, outro poema inglês de "24-7-08". O caderno contém muitas *Visões*, título de um projecto datável de 1908 que Pessoa atribuiu inicialmente a Pantaleão. Veja-se a datação de *The Transformation Book, or Book of Tasks* (BNP/E3, 48C-1 a 5), em *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios* (2013: 219 *et seq*.).

Publicação: Parcialmente inédito. A página 144A^2-7^r (incipit: "Julio Dantas") foi transcrita no vol. VII da Edição Crítica de Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura* (2006: II, 611). As páginas 144A^2-4$^{r/v}$ [Visão d'um Museu Monarchico], 9^r [Visão do Desenho] e 9 $^{r/v}$ [Visão do Velhinho] no capítulo 82, "Pantaleão", de *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios* (2013). Alguns títulos estão listados nas folhas 48A-5^r e 48A-44^r; ver Anexo.

[144A[2]-1]

Visão do Rei Lear.

O rei Lear gritava na planicie, expulso do palacio de sua filha, onde a outra filha ingrata encontrava abrigo. Chorava o velho rei.



Gaveston.[a] | ~~essential~~ |~~Gaveston~~ | Gaveston | Gaveston | Gaveston | ~~20.000 1.000$000 reis~~ | Gaveston | ~~the taxed 10%~~ | ~~Gaveston~~ | ‡ | ‡ | ‡ | ~~Gaveston~~ | ~~state~~ | ‡ | ~~Gaveston~~ | ~~state~~ | ‡ | ~~essential~~ | ~~atavic~~ | essential diff[eren]ces between organisms[1] and states[b] | Gaveston | Gaveston | Gaveston | *Visão do Rei Lear.* | O rei Lear gritava na planicie, expulso do palacio | de sua filha, onde a outra filha ingrata encontrava abrigo. Chorava o velho rei.

[a] Não foi incluído na lista de 136 autores fictícios de *Eu Sou Uma Antologia*, atendendo a que não trascende uma existência nominal: "Pessoa, fascinado com esta personagem inglesa, escreveu em diversas folhas o apelido Gaveston, apondo-lhe, por vezes, um nome (Piers, Ed[ward], Perry, Martin, Anton e Jerome), mas esses registos onomásticos não fazem de nenhum dos Gaveston um 'heterónimo-fantasma'" (Pessoa, 2013: 706).

[b] Tema que Pessoa desenvolverá numa Introdução a *The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal* (BNP/E3, 79A-71 a 81), manuscrito de 1908.

[1v]

□

[2r]

14[1] [a] [*Visão da queda do corpo*]

Ouvi então soar dois tiros[2], subitos, rapidos, nitidos[3], com um som extranhamente *feliz*[4]; *cantante*. E depois, com um baque pesado e obsceno, que dava a idea da queda d'um corpo gordo e *oleoso*[5], ouvi cahir nos[6] degraus de uma escada um corpo d'homem. Senti-o principiar a rolar pela escada abaixo. Ouvi-o rodar. E então senti a pelle arrepiar-se-me[7], os olhos sahirem-me das orbitas com um terror /enorme/. Ao rodar aquelle corpo fazia um barulho extranho, *cheio*, marulhento, meio metallico. Alfim comprehendi: o corpo estava cheio d'ouro.[8]

E então como se empolgado fôra por uma hallucinação maior eu [2v] ouvi o pesado chocalhar do ouro no obeso corpo[9] invisivel[10] mudar-se[11], sem alterar tom, mais ao longe já na queda pela □ escadaria, um som novo, que comtudo parecia o mesmo ouvido por ouvidos mais certos, mais *entendedores*: era um som vago, indeterminado, mas era um som terrivel: *mescla* de gritos, soluços, uivos, longinquas indicações da miseria d'um povo, apagados indicios da decadencia d'uma nação.

[3r]

15[1]

Visão de Futuras Contas
Ministerio das Obras Publicas

Reparações[2] no balouço S[ua] M[ajestade] El-R[ei] D. Manoel II	Rs.	15.585$324
Construção de um assobio na parte de traz da caneta com que[3] S. M. C.[b] assigna os decretos para S. M assobiar *uma *transposição		7.238$
Reparações no museu dos biberons de Sua Majestade		23.855$326
Um nó no chicote de S. M.		124.302$404
Um outro nó, mais na ponta do dito chicote		88.204$305

[a] As visões foram numeradas por Pessoa de 1 a 18, mas as da parte final do caderno não estão numeradas. Trata-se de uma tentativa de organização das mesmas.
[b] "S. M. C." são as siglas da Sua Majestade Católica.

[3v] □

[4r]

16[1]

Visão d'um
Museu Monarchico

– Uma nevralgia de Snr. João Franco.[a]
– Um relogio sempre adeantado que pertenceu ao Snr. D. Carlos
– Um sobrescripto
– O mataborrão em que se limpou o decreto de 30 de Agosto de 1907.[b] Está queimado em varias logares por cinza de charuto.[2]
– Um exemplar[3] do Dernier Jour d'un Condamné por Lamartine[c] que pertenceu ao Snr. Pereira dos Santos.[d]
– Um cadaver vivo. (Está em bom estado de conservação).
– Uma amostra de vinhos potaveis.
– Um burro.
– Outros burros.
– Mais burros ainda.

[4v]

Secção[1] *de curiosidades obscenas*

– O padre José Lourenço de Mattos.[e]

---

[a] João Franco (1855-1929), destacado político das últimas décadas da Monarquia. Cursou Direito e desempenhou vários cargos como magistrado e administrador das Alfândegas. Deputado regenerador a partir de 1884, foi ministro da Fazenda (1890), Obras Públicas (1891-1892) e Reino (1893-1897). Abandonou o Partido Regenerador em 1901, após romper com o líder Hintze Ribeiro, e fundou o Partido Regenerador-Liberal, com que se propunha desafiar o "rotativismo" dos governos regeneradores e progressistas e também "caçar no terreno dos republicanos". Em 1906-1908 foi presidente do conselho de ministros, governando em ditadura de Maio de 1907 até ao regicídio de 1 de Fevereiro de 1908, após o qual foi demitido, exilando-se no estrangeiro.

[b] O Decreto de 30 de Agosto de 1907 anulou uma dívida de 777 contos da Casa Real ao Tesouro Público, resultante de adiantamentos secretos feitos pelos governos anteriores, e aumentou a dotação anual da família real em 160 contos anuais. O decreto, publicado após a dissolução das Cortes, foi assinado por João Franco e pelo rei, daí a alusão ao charuto, com que o rei era geralmente representado nas caricaturas.

[c] *Le dernier jour d'un condamné* (1829) é uma obra de Vitor Hugo. Possível confusão com *Le dernier chant du pélerinage d'Harold* (1825) de Lamartine.

[d] José Gonçalves Pereira dos Santos (1855-1927), engenheiro militar e político, deputado pelo Partido Regenerador (1881-1910) e ministro das Obras Públicas em 1900, 1906 e 1910. Era o líder dos regeneradores no parlamento.

[e] José Lourenço de Matos (?-1916), padre, escritor, jornalista e director do diário católico lisboeta *Portugal* de Fevereiro de 1908 até à sua extinção em 5 de Outubro de 1910. Foi pároco de Alfundão (Baixo Alentejo) e professor de Moral na Real Casa Pia de Lisboa. Como jornalista, foi um denodado defensor da Monarquia e um crítico feroz dos republicanos. Após o 5 de Outubro foi preso, mas declarou aderir à República. Publicou *O Evangelho Popular. Resumida explicação dos*

– Uma conta de comida que não foi paga para *poupar em Janeiro.
?– Um revolver de barro. Está descripto como "bomba de dynamite."
– Um exemplar do "D. Carlos o Martyrisado" do Snr. Ramalho Ortigão.[a]
– O "Suave Milagre" do Snr. Conde d'Arnoso.[b]
?– ~~O Srn. Carlos Malheiro Dias~~.
– O Artº 8º.[2]
– A lei 13 Fevereiro. Junto está um caixote com promessas para a abolir.[c]
– O ponteiro do Ministro da Fazenda[d] – em ouro.
– Uma "ausencia" do Snr. José Luciano.[e]
– Varias amnesias.
– Uma colher que tem escripto "ignobil porcaria";[3] está lambida de todos os lados.[f]
– Uma capa muito grande.

Evangelhos das domingas e das principais festas do ano (Lisboa: Eduardo Ribeiro, 1905, 3 vols.) e *O paraíso cristão: Devocionário dedicado especialmente às jovens e às senhoras* (Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914). Fernando Pessoa escreveu sobre ele o virulento poema "Origem Metaphysica do Padre Mattos" (1909), atribuível ao heterónimo Joaquim Moura Costa.

[a] Ramalho Ortigão, *Rei D. Carlos, o Martirizado*, Lisboa, A Editora, 1908.

[b] Conde d'Arnoso, *Suave Milagre. Mysterio em 4 actos e 6 quadros extrahido de um conto de Eça de Queiroz com versos de Alberto d'Oliveira e musica de Oscar da Silva* (Lisboa: Livraria Ferin, 1902). O livro contém uma aguarela de D. Carlos I, oferecida ao Conde d'Arnoso, secretário particular do rei até ao regicídio. Fialho de Almeida fez uma crítica esmagadora desta obra em "Literatura Gá-gá" (*Barbear, Pentear*, 1910).

[c] A lei de 13 de Fevereiro de 1896, da autoria do então ministro do Reino João Franco, num governo de Hintze Ribeiro (1893-1897), previa a deportação para as colónias de anarquistas e outros perturbadores da ordem pública. A lei de 13 de Fevereiro de 1896 só foi revogada pelo governo provisório da República, em 10 de Outubro de 1910.

[d] O ministro da Fazenda do governo da "Acalmação" (Fevereiro a Dezembro de 1908) e do seguinte (até Abril de 1909) foi Manuel Afonso de Espregueira.

[e] José Luciano de Castro Pereira Corte Real (1834-1914), advogado, jornalista e político, co-fundador do Partido Progressista (1876) e seu líder a partir de 1885, foi um dos principais políticos das últimas décadas da Monarquia. Foi deputado, par do reino (1887-1910), ministro de vários governos e presidente do Conselho de Ministros (1886-1890, 1897-1900, 1904-1906), além de outros cargos de Estado e de governador do Crédito Predial. O seu partido alternou no poder com o Partido Regenerador, ao que João Franco chamou "rotativismo". As dissidências no seio do seu partido facilitaram a subida ao poder em 1906 de João Franco, contando inicialmente com o apoio dos progressistas ("Concentração liberal"). Em Maio de 1907, recusou a proposta de João Franco para que o Partido Progressista participasse no governo com três ministros, o que conduziu à dissolução do parlamento pelo rei e ao começo da ditadura franquista, com a oposição dos restantes partidos. Após o regicídio de 1 de Fevereiro de 1908 foi o principal conselheiro de D. Manuel II, orientando a formação dos últimos governos monárquicos.

[f] A lei eleitoral de 8 de Agosto de 1901, do governo de Hintze Ribeiro, foi chamada por João Franco de "ignóbil porcaria" por beneficiar os partidos do rotativismo (regenerador e progressista) em detrimento do seu partido, que só elegeu um deputado nesse ano, e do partido republicano, que não elegeu nenhum.

[5r]

Excavações em Portugal morto.

– Um bocado de jornal que mostra as lettras PORT … e a um canto Mattos.[a]

□

17[1]

Não está em casa

A mão feliz para bater á porta dos politicos constitucionaes.

[5v] □

[6r]

Senti-me, sim, senti-me, pois não sei que[1] nome dar ao sentido que d'aquillo me deu a intuição, em uma terra extranha e mysteriosa, cheia de terrores e de /invisiveis males/[2], uma planicie indefinidamente extensa, escura, negra, caliginosa – uma planicie escura como a fome sob um céu negro[3] como um odio. Era uma □ no espaço visual[4] do tudo que se encontra nas palavras *horror*, *terror*, *mysterio*, □.

Vi de repente – vi? não sei se foi visto aquillo que □ – que essa planicie tinha uma estrada □ que á beira d'essa estrada immensa havia corpos, cadaveres cahidos. Estes eram brancos, brancos-brancos, de[5] uma brancura extranha, que não entra nas concepções d'este mundo. Sim, não havia luar, não havia luz alguma, mas esses corpos eram brancos, ni-[6v]tidos, côr de leite, mais brancos ainda[6]. Eram brancos de uma brancura *sua*, parece que um luar extranho sobre elles incidia[7]. Mas o luar vinha d'elles mesmos.

Tremendo, meio louco de horror, approximei-me d'elles pela estrada da planicie. Vi então o que elles eram. Os corpos cahidos á beira da estrada eram as nações mortas[,] os povos perdidos.

Estão alli a Grecia, que tão grande fôra; Roma, que tanto dominou; Carthago, Assyria, Chaldeia, Egypto, □ jaziam[8] – todos em attitudes extranhas de morte á beira da curiosa estrada.

Nos olhos d'alguns boiavam danças, □ outros como que trahiam a visão de torres e □

[7r]

Julio Dantas: "Pintores e Poetas de Rilhafolhes" – Guimarães, Libanio & Cª. Lisboa, 1900.

---

[a] Alusão ao jornal católico *Portugal*, dirigido pelo padre José Lourenço de Mattos.

Ales Hrdlicka – American Journal of Insanity. (Baltimore, Jan. 1899)
– quoted in above–

M. Sakhokia. "Le *Culte* de la petite vérole en Géorgie".
Note

Miguel Bombarda: "Un fait d'Anarchisme."
(Bibl[ioteca] Nac[ional][1] Lisboa.) [a]

[a] Os textos de Dantas, Sakhokia e Bombarda estão encadernados no mesmo volume na Biblioteca Nacional de Portugal (cota S.A. 12655 P). O trabalho de Bombarda é uma separata da *Revue Neurologique*, o de Sakhokia uma separata dos *Bulletins et Mémoires de la Societé d'Anthropologie de Paris*.

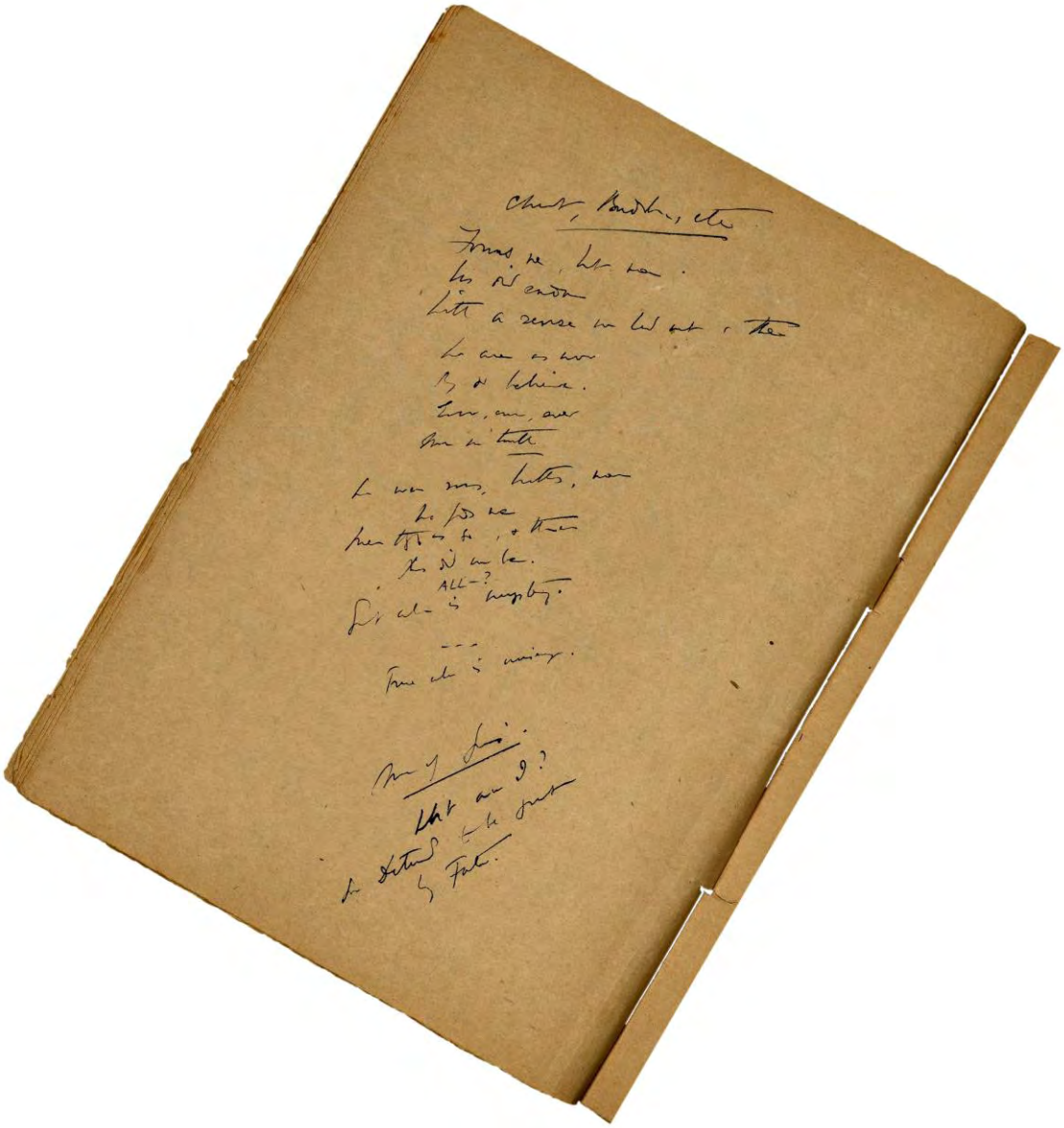


Fig. 1. BNP/E3, 144A²-7ᵛ.

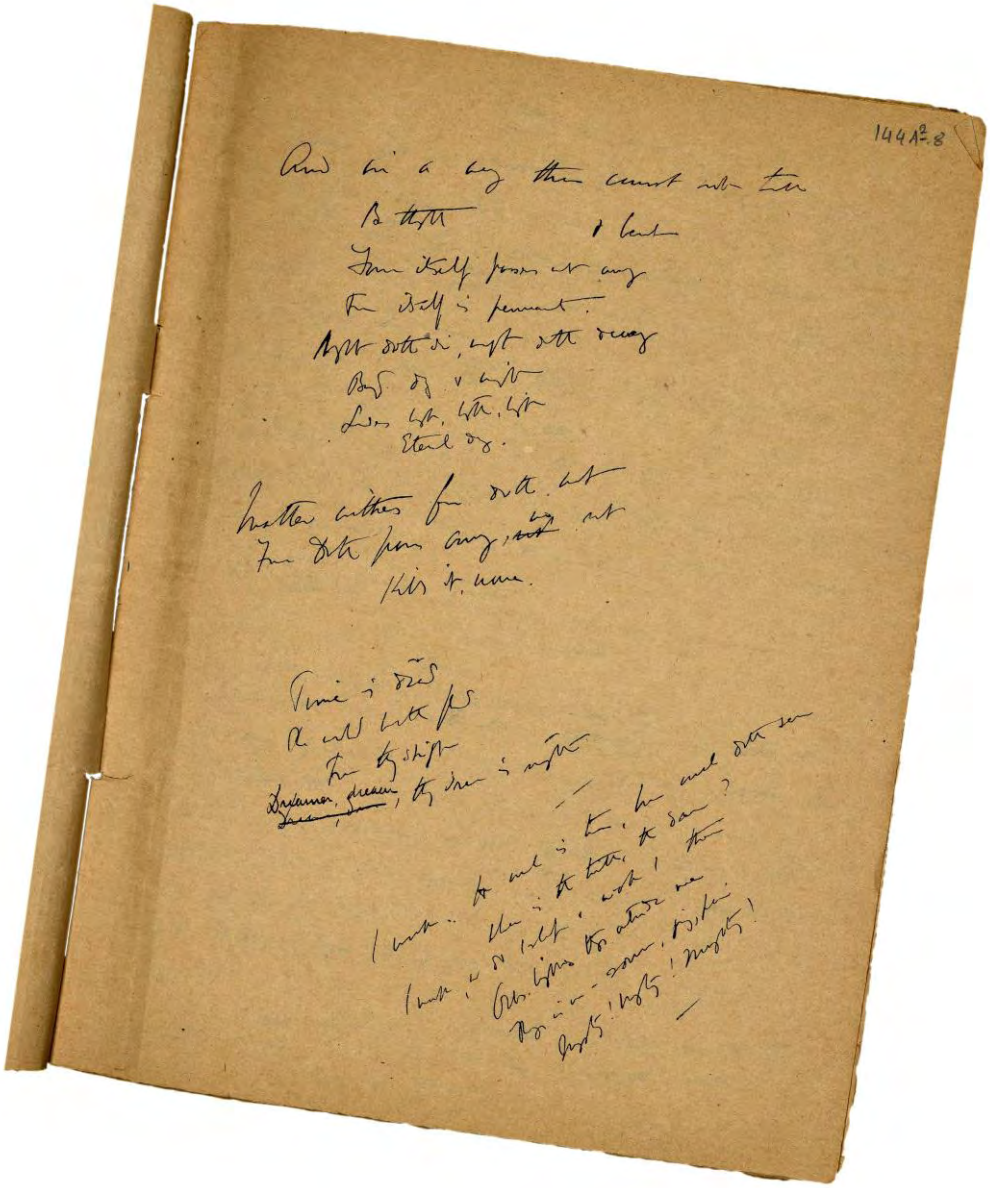


Fig. 2. BNP/E3, 144A²-8ʳ.

[7v]

Christ, Budha, etc

Forms we, but men
We did endow
With a sense we had not & then
We are as now
*They do believe.
Ever, ever, ever
Never in truth
——
We even sons, brothers, men
No Gods we
Men thought as so □, & then
As did can be.
ALL - ? -
God also is mystery.
— — —
True also is misery.

Man of Genius.
What am I?
I'm determined[1] to be great
by Fate.

[8r]

And in a way thou canst not tell
Be thought □ & bent
Form itself passes not away
Form itself is permanent.
Aught doth die, aught doth decay
Beyond day & night
Lives light, light, light
Eternal day.

Matter withers form doth not
Form doth pass away, no rot[1]
Kills it, none.
——
Time is dead
The world hath fled

From thy sight.
Dreamer, dreamer, thy dream is right.[1]

——

I woke. How much is true, how much doth seem
Where is the truth, the dawn?
I woke, or do I sleep & woke I then
Orbs, lights, things outside me
Things in me – sorrow, joy, pain,
Mystery! Mystery! Mystery!

——

[8v] □

[9r]

Visão [do desenho].

– Sonhei que era artista, que era caricaturista.

– E que visão teve você do trabalho que fazia?

– Esta. Que tinha que desenhar a monarchia absoluta, a monarchia constitucional[1], a monarchia democratica.

1 – E como as desenhou você?

– Como não desenho, como não tenho o instincto do risco[2], imaginei que a minha □ que desenha a escripta das palavras[3]. M[onarchia] A[bsoluta] – escrevi as palavras em lettras de sangue. M[onarchia] C[onstitucional] – escrevi estas em lettras d'ouro, de moedas. M[onarchia] L[iberal] – escrevi[4] em lettras de fumo.

Tudo com[5] fundo preto.

——

Visão [do velhinho].

Sonhei que contava contos a creancinhas. Um velhinho – vi-o em visão – ia de vez em quando de sua casa para casa de Snr. Povo[1]. Ia, ficava lá e voltava. Quando
2 ia, notei, ia, coitadinho muito direitinho. Quando voltava, coitado, voltava todo cahidinho para o lado[2]. Sempre que ia, ia direitinho; sempre que vinha, lá vinha elle, cahidinho p'ro lado do muro que ia entre sua casa e a casa do Snr. Povo.

Porque será, dizia eu. Muito trabalho ha-de ter, coitadinho, aquelle velho que vae tão direitinho e vem tão dobradinho para o lado da parede.

[9v] 18c[1]

Então um garoto fêl-o zangar e o velhinho virou-se e quiz bater no garoto. Ai, meus meninos, então se viu porque é que o velhinho ia tão dobradinho para o lado da parede. É que quando ia não levava nada nas algibeiras[2] e quando vinha trazia[3] cheia d'ouro a algibeira do lado da parede.[4]

– E o velhinho, Snr. Pantaleão, não se zangou com o garoto?

– Zangou, sim. Disse "Então você fez-me virar *o meu lado politico* a toda a gente? Felizmente meu lado pessoal posso eu mostrar."[5]

– Eu sei um conto mais bonito Snr. Pantaleão.

– Conta lá.

– Era um velhinho que ia muito direitinho da sua casa para [a] tal casa de [que] falla o Snr. Pantaleão, e voltava tambem muito direitinho. Era o mesmo velho de que falla o Snr. Pantaleão, mas isto era depois.

– Ah, então emendou-se?

– Não foi, Snr. Pantaleão, não se emendou.

– Então?

– Tinha ambos os bolsos egualmente cheios.[6]

[10r]

– Rest for ever, rest, said the Dr.; and I was touched by the impressions in[1] his voice. Rest your toilworn brain. Rest for your walk in quest of work[2], of God. Rest your wayworn heart.[3] Rest your heartbroken feet.

I looked up suddenly to see whether this monstrosity was betrayed by an external analogy in the[4] face of the Dr., but it[5] was grave, sad, unchanged.

The others in this room[6] *mumbled in a low tone.[7]

Visão [do casaco do conselheiro].

Vi-o passar – sonhei; ia[1] de casaco claro.

– Bons dias, Snr. Conselheiro, disse.

Depois d'ahi a tempo, vi-o outra vez. O casaco claro estava cheio de nodoas. Fiquei pasmado.[2]

3 – Bons dias, Snr. Conselheiro, disse.

D'ahi a tempo tornou a passar. Trazia um casaco mais escuro.[3]

– Bons dias, Snr. Conselheiro, saudei.[4]

– Agora, disse eu para um amigo, agora está decente.

– Decente? Aquella não é senão a nodoa que se estende ao casaco todo.

[10v]

[Primeira] Visão [do crucificado].

Vou contar a minha visão do crucificado.[1]

Foi osculado[2], e, pelo osculo[3] trahido por quem se dizia seu amigo.

Cuspiram-lhe, flagellaram-no[4], puzeram-lhe uma coroa d'espinhos.

Crucificaram-n'o.[5]

Notei a sua physionomia e vi com espanto que[6] não era Christo, que não fôra a
4 minha nova visão do filho de José.

Reparei para aquelle que o trahira, osculando-o. Trazia uma coroa e lia[7] uma carta. Olhei para aquelles que o cuspiram e que o fustigaram[8]; não eram soldados, eram homens de sobrecasacas e chapéu alto. Mirei os[9] que lhe puzeram a coroa d'espinhos. Eram homens idiotas; porem os que o crucificaram, eram semelhantes.[10]

Pareceu-me então ter um fim de visão extranho. A cruz quebrara do suporte e ella e o crucificado cahiram em cima dos algozes.

[11r]

copied

Be it so, we are sundered for ever[1]
I and life's happy & sane
My nature & theirs do us sever:
Nought can unite us again

Again? We were never unparted
Differently destined & born,[2]
They born to be light & stout-hearted
I to be painèd & worn.

Be it so we for ever are sundered[3]
What would the normal with me
My own very reason hath wondered[4]
Trembling at its misery. [a]

'Tis not long that I can be with sanity[5]
Now let us part, 'tis yet time.[6]
Let us write at the time when insanity
Mortal shall be my □ crime.[7]

I give me all over to terror
All unto madness & woe[8]
I yield up my thoughts into error
'Twas so to be; be it so.[9]

I would like to be loved, admired, extolled
To be loved[,] extolled, admired – I would not like it.
Loved[,] admired, extolled, – I like or do not like it.

[a] Testemunho **A** do poema "Be it so!". Veja-se *Poemas de Alexander Search* (1997: 378); o testemunho **B**, assinado por Alexander Search, está datado de "April 20th. 1908".

Visão □

? triste o povo

O leader[1] dos bombeiros almoçava.
Chegou um homem á pressa.[2]
– O edifício está em chamas.
– Não posso ir que estou a almoçar.

[11v]

Attentei enfim com extranha commoção em um velho que jazia um pouco fóra da estrada. Tinha[1] um aspecto nobre e cavalheiresco[2], um ar, morto embora, de ousadia. Via-se-lhe nas linhas do rosto signaes de grandes feitos, como que fitando-o e por extranha e inenarravel associação de sentimentos e ideias se via ao longe naus, estandartes, exercitos, □ de victoria[3], arrancos d'ousadia.

O velho não tinha[4] na mão a espada; a lamina via-se vagamente a distancia. Um manto d'ouro que trazia havia-lhe sido arrancado.[5] Na sua queda parece que quebrara, ou quebrada talvez já estivesse[6], uma cruz de pedra sobre a qual jazia[7]; com enorme commoção a cobria[8]: era um padrão.

Attentei então no olhar[9] do velho e estremeci. Não tinha no morto olhar nada[10] que nos outros se leia. Não tinha o ultimo folego do □, o relampago ultimo do vivo[11], o derradeiro □ do terreno. Não. Nem n'aquelle olhar se lia uma sombra de □ de □. A sua expressão não era essa: era a expressão d'aquelles que sentem uma morte[12] ignobil. Rancôr □ -m.te muda[13], indignação □ tudo isto alli estava. Era, sim, a expressão d'aquelles que morrem de[14] mortes ignobeis – da mulher que morre[15] para obter pão para o filho, da aldeã violada por um soldado de um selvagem exercito invasor, do velho guerreiro esbofeteado cuja mão já não pode com a espada. Um soluço de indignada angustia boia d'aquelle olhar.[16]

Ah, que agonia muda, que muda intensidade d'indignação e de dôr, que odio do seu fim, que asco[17] alli se lia, que repulsa, [12r] que □!

– Velho prodigioso, disse, velho em cujo morto olhar[18] não brilha nem uma saudade, apagada que foi toda a lembrança de uma passada grandeza, pelo asco e pela indignação de uma morte ingobil. Que morte foi essa, velho extranho e symbolico? Quem te matou?

Quedei silencioso.[19]

– Não foi o vicio[20], grande velho, exclamei, não o vicio que te matou. Não foi a guerra, não foi o mal que venceu □, nem o □ . Alguma coisa mais esses teus olhos indicam, alguma cousa mais significam. Morte[21] mais ignobil soffreste, velho prodigioso! Diz-me quem te matou?

Pareceu-me então que a visão toda desapparecia, que se rompia, que se rasgava, que um sol subito fazia desapparecer aquella planicie extranha, aquelle

velho symbolico. Mas pareceu-me tambem que uma voz tremenda[22] e accusadora – quão tremenda não o posso dizer – *rompia d'aquella bocca já morta, que d'aquelle beijo gelado, d'aquelles tristes labios frios *roubava a vida d'um morto para lançar no espaço um grito enorme de asquerosa[23] ira, de indignada dor:

Quem me matou fôram os ladrões!

[12v]

Ache of life. Abulic of *hurry.

20 days to live.

– It was the abulia of extreme eagerness, the willessness[1] of caressing[2] too much.

[13r]

Visão [da taboleta].

Foi uma visão rapida, incompleta, pouco nitida – visão d'uma taboleta.

O que vi foi apenas isto: *Sociedade Protectora dos L*[*adrões*].

√ E isto, por baixo: Secretario: Ferreira do Amaral.[a]

– Quem será o presidente? pensei.

23-7-08

4.45 a.m.

'Tis the first sunray of morn[1]
Striking the summits of that tree
That *hid the paleness erst
Sending a touch of light to me who mourns
[A touch of light] onto my misery.

'Tis larger now; this wall, that house[2]
Are palely yellow with the sun
Whose kiss is just begun.[3]
How sweetly, deeply, gradually there flows
Over the City's highest things[4]
A light – how earth fully it glows
With slow unconscious deepenings
Sunrise? One day I shall not see thee more
Oh God, oh peace, my sense shall cease.
Thou smiledest on the poets that of yore

[a] Francisco Joaquim Ferreira do Amaral (1844-1923), oficial da Armada, governador colonial e par do reino. Chefiou o governo suprapartidário da chamada "Acalmação", no período que se seguiu ao regicídio (4 de Fevereiro de 1908 – 26 de Dezembro de 1908). O seu governo foi acusado de tíbio e claudicante perante o avanço dos republicanos.

First caught from thee the tears of their disease
How all beneath thee now is peace!

[13v]

Something resembling silence but more bright[5]
Stricken by life's □[6]
In the awaking light.
Songs of birds! Hundredfold melodies poured,[7]
Voices of Nature's things, □

Oh Nature, Mother, I feel me full of tears
My heart doth beat at beauty, but only thine.
Houses, trees, walls *more luminous
Grow □

Nature, why makest thou me weep?
So it that I cannot describe
With words exact & □ deep
This sunrise, this that doth imbibe
My soul & keeps it in its keep?
Ay, that I should feel so now can
Pour to the splendid luxury[8]
Of a great singing that no man
Could not but say: "How could this be?[9]
The sun lives in the melody
That this hand from his lips doth shake.
Read of the sunrise in his verse[10]
We feel in us the City to awake
And that smooth sense of beauty as to take
And into □ to immerse."[11]

[14r]

Not so Frail is power & vain,
For of all ills that my desire
Hurts me with □ pain
One of the bitterest *sure it is to strain
To lock within a verse the sweet
Meaning of Nature, as complete
As Nature yieldth it to us.

Luminous morning, luminous
Colours. The sun is out & clear
The City gradually doth fill
Its every housed hill

With aught that my grave sadness hath no tear.

There is a melancholy in the morn
A melancholy of life's self, feeble, pure[12]
Mysteriously born.
It is not aught of mystery
Nothing by which the heart is torn;
But a deep pain is not pure
A sentiment of life, a sense of living
That surges in us like a sea
To which the sun – the aging sun – is giving
A deep, half-sad, infinite extended glee.

———

Waves of thought waving □ in my brain
With a half-painful □ motion
Ordered chaos of emotion
Which howe'er far from it I strain[13]
[14v] My Soul cannot in words contain.[14]

Nature, Mother Nature, Mother of all
Ah, the sun is out now, clear & true[15]
How this is earth! How this is life, this sun
Spreading upon the City's morning peace
Dying now in the arms of toil begun[16]
As □ that doth not cease
Along the trees & house-tops to increase[17]
Along the houses which do show
A coldness to the sight in their[18]
West faces stricken out by the glow
Which deem [as] if the morn is not yet there[19]
Oh top leaves of trees that lower are[20]
From me like mirrors, & the day
Trouble all the life near & far.
Yet in the City houses still there lies
A darkness of a dawn. A cloud
Far away dies[21]
Far away in the □ skies
On the too-much of the light
[15r] The City grows more loud,
/More soulfully trite./

Here & there little whitenesses of *somber[22]
Proclaim the waking unto toil
Our houses, *another has *awaken

With thine eyes say, with the *wives

Lives…

New thoughts! Confusion of thought.[23]
Lives, passion's, □ that are light
Now to my mind that looked above
Now light & morn, on the City's waking
That *ashy is yet dawn, there *down
And in its *lights the morning taking.

Now new sensations, now □ †.
Thoughts of mankind, thoughts of toil, of woe
The morning's chaos hath gone. We cannot †
Out of our hearts too long, nor flow
With earthless things of earth that throw
Their exteriority over us
Day & night, to a □ luminous.[24]

[15v]

Nature oh Mother Nature whether thy love be given
Pours in a kiss of waking light[25]
Sweet, natural □ scattered o'er earth and heaven
Are *grey, another † with delight;[26]
Or thy love in the silver of the night
Strike our hearts with its mystery;
Or in the *hours of morn doth fill
With vague & false □ glee –[27]
Thou ever, oh Great Mother, dost instil
*Revolt that o'er them □ the will
In lives † fated † from Them.

Whether thou wakest
Or seemst to sleep,
Whether at morn thou takest[28]
My heart with gladness[29]
Painfully deep;
Or if in sadness[30]
My heart dost steep,

When night is □,[31]
How moonlight flowing[32]
On the earth
And so seems *drawing
Secrets of birth
Almost o'er †
And morn's death.

[16r]

Whether thou wakest
Deep with delight
Or thou with sadness
Tears from us shakest

Thou, Great Mother who
Can understand thy soul

Accept thou this intemperate love of thee
Poured, oh Mother, from the thing that in me[33]
Cries *bottled, †, all love of thee of thine.
Look *her and all the City near
†, *gleaming
The summer sun doth shine!
Take my heart in thy hand
Nature, the † I cannot understand

Oh make a humanness of □ thy *forms
Something with a hinted nature the □ of my unrest[34]
Be a sunbeam that I may die of love in thine arms[35]
Be a mother that I may die sleeping upon thy breast.[36]

Title: "Sunrise on Lisbon."[a]

[a] Datado de 23 de Julho de 1908, "Sunrise on Lisbon" é o testemunho de uma das primeiras influências de Walt Whitman na produção inglesa de Fernando Pessoa (*cf.* Ferrari, 2011: 37-40), embora o sujeito poético ainda não seja o *all-encompassing* eu lírico whitmaniano e Pessoa ainda não procure escrever, através de Álvaro de Campos, com o ritmo paragráfico de Whitman (Ferrari, 2012: 196-201); de facto, "Sunrise on Lisbon" está composto maioritariamente com tetrâmetros e pentâmetros jâmbicos, metros canónicos ingleses (*short-line* e *long-line meters*). Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa existem dois livros do poeta norte-americano, *Poems by Walt Whitman* (1895) e *Leaves of Grass* (1909), sendo que o primeiro é uma curta selecção de *Leaves of Grass*

[16v]

Who ever dreamed a thing that could be found?
Who ever willed a thing that he could have?

[17r]

The one amusing thing in the whole of the transaction was (*if real*) the discomfiture of the "progressist" leader.[a] He was like a boy who, to hide a box[1] from another puts it in a high shelf, but finds out afterwards that he has pushed it too far and put it out of his own reach.

To understand the voyage to Oporto[b] it is necessary to bear in mind the belief in the dupability of men that Franco had. Like all hypocrites & □ he had an exaggerated (an insanely exaggerated[1]) idea of the success[2] of his lies.

The speech at O[porto] showed how far he carried the art of lying. The idea of *finding *any *as *sceptic *like *that: integral meaning that it *had seems true.

[17v]

□

[18r]

Let us examine this question.

The hypothesis are two – *admitting that there really was such* a □ between Franco and Luciano de Castro[1] & that they were not combined to delude the public with those: either[2] F[ranc]o offered to have 3 ministers from the progressist party to share the responsibility of what he was going to do, or he made the offer

---

adquirida por volta de 1907-1908. Terá sido da leitura desta antologia, particularmente dos extractos de "Song of Myself", que viria a nascer "Sunrise on Lisbon". Os versos "The sun lives in the melody | That this hand from his lips doth shake. | Read of the sunrise in his verse" (144A2-13v) aludem, muito provavelmente, a um dos momentos iniciais de "Song of Myself": "[…] the song of me rising from bed and meeting the sun." (1895: 123). Por último, assinale-se que embora o exemplar de *Poems by Walt Whitman* (1895) exiba a assinatura e o carimbo de Alexander Search, "Sunrise on Lisbon", escrito no período em que este autor fictício foi proprietário do livro, não tem indicação de atribuição. [Nota de Patricio Ferrari.]

[a] José Luciano de Castro.

[b] Em 17-18 de Junho de 1907, pouco mais de um mês após o início da ditadura, o presidente do conselho João Franco deslocou-se ao Porto, onde, discursando num banquete, falou da questão dos adiantamentos à Casa Real feitos ilegalmente por vários governos anteriores. Regressando a Lisboa, foi recebido no Rossio por uma multidão de manifestantes, seguindo-se uma carga da polícia que fez mortos e feridos.

knowing quite well[3] that the 3 ministers which he indicated would not accept and he asked them exactly for that purpose, to give himself a reason for breaking with the "progressist" party.[a]

[18v]

□

[19r]

As a matter of fact the "liberal-concentration", that mixture of □ should[1] have indicated, and to many did indicate the coming apostasy of Franco[2]. How could a man who was coming to power to correct the evils of the[3] administration of the two parties bind[4] himself to one of those[5] parties?

Further the purpose[6] of the union of the two parties was evident. Franco had not enough deputies himself & *he*[7] *was afraid of the republicans*. His idea was keeping them out.

[19v]

□

[20r]

[*Segunda*] *Visão* [*do crucificado*]

Vou contar a minha horrenda visão do crucificado. Uma já contei. Esta que vou contar é mais horrenda ainda.[1]

Elle era um pobre trabalhador, fraco e doente. Aquelles que d'elle deviam *ter *cuidado tinham-no deixado assim ficar, chegar áquelle ponto do mal. O seu pobre terreno, não fecundo, estava pouco cultivado porque falharam[2] as forças e o saber ao /abandonado/ lavradôr.

Um dia fôram buscal-o para o crucificarem.[3] Antes fustigaram-no e elle
5 estorceu-se e gemeu. Umas vezes gritou com dor e estorceu-se. Mas não gritou muito nem muito se estorceu. Bem sabiam os que o torturavam que elle só gemer podia[4].

Mas não gostaram do seu grito[5] de dôr. Cuspiram-lhe na cara e chamaram outros de fóra para o fazer. "Cuspam-lhe" disseram. "Já nada pode fazer.[6] Nós tivemos cuidado em que elle ficasse assim." Cuspiram-lhe e elle deu um grito de

[a] Em Abril de 1906, João Franco e José Luciano de Castro acordaram em formar uma "concentração liberal". Em Maio tomou posse um novo governo, presidido por Franco e apoiado no parlamento pelo Partido Progressista, mas sem os três ministros progressistas que Franco queria incluir no governo, por recusa de Luciano de Castro. Em Maio de 1907, os progressistas retiraram o apoio ao governo, o rei dissolveu o parlamento e Franco passou a governar em ditadura.

raiva e de dôr que se esvahiu impotente[7]. Um dos que d'elle houvera[8] de curar bateu-lhe então na boca e elle cobriu-se. "Vencemos" diziam *elles*.

A victima tremia, de raiva talvez. Talvez[9] de frio ou de fome.

[20v]

□

[21r]

Visão □

Ouvi soar uma voz que se dirigia ao povo portuguez; era a voz dos politicos da monarchia.

Dizia ella: "Povo, ou a monarchia (*que o rouba*), ou a victoria extrangeira (que lhe tira a existencia)."

6 Mas a m[onarchia] é o roubo; a victoria extrangeira, o assassinato do paiz. Vê-se pois ou não que o verdadeiro sentido das palavras dos politicos é este:[1]

"*A bolsa ou a vida.*"

Não é a melhor das provas mas já não é mau. Quem costuma usar esta frase?[2]

Quem diz esta phrase costumam ser os ladrões. Analysem, pensem: a analogia é completa.

Visão [*da planicie*]

Tive a visão de uma planicie immensa, muito esteril, muito arida. Está muito cavada por fortes signaes de ferraduras[1].

– Que planicie é esta? Perguntei ao cicerone espiritual das minhas visões.

7 – É a planicie do thesouro publico.[2]

– Ah. E estas marcas– estas profundissimas marcas de ferraduras – que grandes bestas[3] é que as deixaram cá?

– Os politicos.

[21v] – Ah sim, sim. São bestas são. Mas o seu caminho está indicado pelas marcas que aqui deixaram.

Visão [*da camisaria*]

Tive uma visão de uma camisa /espiritual. Parece asneira, mas não é./[1]

8 Se a vergonha fôsse uma gravata, a maior parte dos homens publicos portuguezes não usariam gravatas.

E ha muitos d'elles que nem collarinho tinham[2] para a pôr.

Visão □

Tive outra visão.

– Quem dera, dizia um individuo que n'ella apparecia, que se pudesse fazer do passado de Portugal umas cousas para barracas de feira. Dava dinheiro…

9 – Faça você isso, faça, disse um outro.

– Porque tanta[1] pressa?

– Faça, faça, que eu consigno-lhe[2] os rendimentos…

[22r]

Visão [*dos canalhas*]

Esta é a visão dos canalhas.

10 As fadas e os deuses tinham o poder de se transformar em varios bichos e cousas. Hoje não ha fadas nem deuses, mas sim uns outros entes que teem o mesmo condão[1]: são os canalhas.

Enquanto o corpo está vivo tornam-se sanguessugas. Quando o corpo está morto tornam-se vermes. Lá de comer não deixam elles.

Visão [*das cobras*]

11 Vi em visão uma cobra dar uma dentada em si mesma[1]. Ha cobras que fazem isto.

Mas isto acontece só ás cobras. É pena.[2]

Não poderem os politicos portuguezes adeantar-se do seu proprio dinheiro!

Visão [*do proverbio*]

12 Quem espera sempre alcança.

É verdade. Estes homens de sobrecasaca e chapeu alto que vejo na minha visão… em novos, /nos exames/,[1] eram *esperados*, agora[2] são *alcançados*.[a]

[22v]

Visão [*da pergunta*]

13 Não é extranho, perguntou-me um phantasma em uma visão, que um dos paizes mais atrazados seja aquelle em que ha mais politicos adeantados?[1]

[23r]

Perfis Politicos

O Director do "Illustrado"[b]

Trata o Director[1] do "Portugal"[c] por "nosso caro collega".

Isto não é[2] um phenomeno de auto-accusação.

---

[a] Ficar *esperado* num concurso ou prova pública, é não obter aprovação. Um *alcançado* é alguém endividado, empenhado ou que comete um desfalque.

[b] O *Diário Ilustrado*, jornal franquista, era dirigido por Álvaro Pinheiro Chagas.

[c] Padre José Lourenço de Mattos.

É apenas[3] asneira.

O "Maldito".[a]

Zero. Gritos. Arruaças.[b] Fazenda. 40 contos. Obras publicas.[1] Pouco. *Detidos. 13 de Fevereiro. Pouco. Menos. Muito pouco. Garantias individuaes e repres[entação] politica. Raio /de luz/.[c] Adeantamentos.[d] Nuncio.[e] Fornada.[f] □ Regicidio. <Fuga.> Bigode. Zero.[2]

Os Franquistas

□

O Snr. D. Manuel

? (Um D. Pedro V, sem o Pedro, sem o V e sem o Dom que o faria D. Pedro Quinto)

Pereira Cardoso[g]

□

[23v]

Archer da Silva[h]

? Pode ser que seja intelligente. Até á data não tem dito senão asneiras.

Vasconcellos Porto[i]

---

[a] Trata-se de João Franco, de quem é descrito o percurso político.

[b] *Gritos* e *Arruaças*: como deputado regenerador, João Franco inaugurara, no final dos anos 1880, o sistema de interromper as sessões da Câmara dos Deputados "com arruaças tempestuosíssimas, invectivas injuriosas, objurgatórias irritantes, berros, estilhaços de cadeiras pelo ar" (António Cabral).

[c] João Franco disse do seu governo que era "um raio de luz na noite caliginosa da administração pública".

[d] Denunciando os atropelos cometidos pelos governos "rotativos" anteriores, João Franco explorou em 1906-1907 a questão dos adiantamentos ilegais feitos à Casa Real, com o que acabou por atingir gravemente a imagem do rei e da própria Monarquia.

[e] *Nuncio*: possível alusão ao núncio apostólico Tonti, que foi acusado de se intrometer na política portuguesa e teve de abandonar o país após o 5 de Outubro.

[f] *Fornada*: alusão à nomeação de oito pares do reino em 1906, reforçando a maioria do governo nas Câmaras.

[g] António Augusto Pereira Cardoso (1864-1918), militar e político, foi deputado progressista a partir de 1905 e secretário da mesa da Câmara dos Deputados.

[h] Henrique de Melo Archer da Silva (1877-?), médico e deputado conservador independente (1908-1910), próximo do Partido Regenerador. Fez-se notar por algumas intervenções parlamentares desastradas.

[i] António Carlos Coelho de Vasconcelos Porto (1855-1924), engenheiro, oficial do Exército, administrador dos caminhos-de-ferro e deputado regenerador em duas curtas passagens pelo parlamento. Aderiu ao partido de João Franco em 1903 e foi ministro da Guerra no seu governo

? É possível que d'aqui em deante[1] passe a ser intelligente.
Só se deixar de ser Vasconcellos Porto.

Oliveira Mattos[a]
Sempre que falla – asneira. Falla sempre.

[24r]

Life

…Wildly, deliriously he threw out his hands, which, twisting nervously, □ witty wrought an *abnormally □, a *materially significant gesture of overmastery agony, of more than intense fear. Then with a high, choking, □ cry of horror, he fell back, his hands, in the last gesture seeming to *bid to grip an invisible Life, to obtain by some gesture, by some **contractio*n (†† of it[1], nay, that was the stupendous merry it gave) the formula of eternal existence.

Then so he fell back & in in his twisted & □ pure Death[2] stopped the *make of an aspirant that no one had understood, of an inner ardour that no one had *erected of a horrible, colossal lust of existence that had *ever in it the mind that madness does *not *reign in it[s] mysteries can † ever to suffer.

In peace requiescat.[3]

[24v]

24-7-08[1]
Can I describe my madness?
No, it depicteth speech.[2]
The intensity of sadness
The evil from a strange gladness
The mourn in me as if of a sea
*Moving from a far beach.

What is it my desiring
*Humbleth ne'er to obtain?
What lusts are my *bleeds firing

(1906-1908), sucedendo-lhe depois na liderança do Partido Regenerador-Liberal até 1910. Tinha um perfil mais técnico do que político e granjeou fama de administrador competente.

[a] José Maria de Oliveira Matos (?-?), proprietário, deputado progressista (1887 a 1910), próximo de Luciano de Castro, que o colocou nos mais diversos círculos eleitorais do país. Como parlamentar foi combativo e irrequieto, famoso por intervenções demasiado frequentes e longas, denotando falta de estudos e de saber, que compensava com "rajadas oratórias".

Lusts of eternity inspiring
Like a melody weeping loud in me[3]
Souls of a mystic pain?

I owe from these things knowing:[4]
How, my heart could say,
That deeper than joy is sorrow
But that □

The light is more than the day[5]
Deep *time, but far away
Far, not in space, but of things at the core[6]
Something the night is none.
It is not eternity, never
That idle dream of men.
But something when dream doth sever
Reason & □
& I feel a sense of a Truth universe.

Beyond both good & evil
I fell aught doth exist[7]
Dream is god as the devil
Dream are both □
And from past this doth come
A hint in which madness lies

I have thought many things that I have spoken; many that I have not spoken [because] I □ & many I have not spoken [because] I could not. These are my genius & I reason unknown.

[25v]

Prefacio ás Visões.

FIM

Nem venha ninguem dizer que este livro é aspero e brutal[1].

N'esta □ de amnesia[2], quando os adeantadores não se lembram se adeantaram nem os adeantados se receberam, não faço eu excepção, esquecendo-me absolutamente da veneração que compete aos Snrs. Assassinos[3] e do respeito que é devido aos Snrs. Ladrões.

Propriamente fallando[4], eu não combato a monarchia; combato a monarchia portugueza. Não admitto nem que a monarchia seja preferida, nem que ella seja

egual em valôr[5] á republica em parte alguma. Mas n'este caso, repito, não é a monarchia que combato. É a monarchia portugueza.

A monarchia tem-se tornado em alguns paizes compativel com a maior civilização, deixando de ser o menos possivel monarchia[a]. Quanto menos monarchia é, melhor sahe. A mornarchia portugueza não está n'este caso. Não é preciso provar. A monarchia portugueza ahi está. Basta [26r] olhar para ella. Não há melhor argumento.

Não combato, digo-o outra vez, a monarchia. Combato a monarchia portugueza. Combato-a symbolisada nos partidos rotativos, cumulo do Nada em Portugal, e nos partidos jesuiticos – o nacionalista e o outro.[6]

A monarchia em Portugal é hoje isto: /*interiormente*/ o Snr. D. Manuel, o Snr. José Luciano e o Padre José L[ourenç]o de Mattos; a incapacidade, a *intrujice* e a maldade; o Cocó, Reineta e Facada[b] da *comedia* dos adeantamentos, no seu /acto actual/. E, exteriormamente, a monarchia portugueza é isto hoje[7]: o general Gouveia[c], o chefe Amorim[d] e o Snr. Abilio Magro[e]; a incapacidade, a intrujice e a maldade.

[26v]

Visão □.

O homem de má cara[f] teceu[1] com cuidado uma corda suja e grossa que mirou depois sorridente[2]. Depois, ajudado d'outros, pegou no homem meio desfallecido que alli havia e atou-o fortemente a uma arvore[3].

D'ahi a pouco a victima[4] tomou mais força, mas não poude romper /o laço/ que em seu desfallecimento fôra atado.

Passou-se[5] algum tempo, a victima ora gemia, ora se indignava, ora quasi desfallecia atada á arvore, e houve desavença entre um dos chefes dos outros homens e o homem[6] da má cara.

Então, rindo interiormente, o tal chefe arranjou outro bocado de corda egualmente sujo e grosso, e juntando-o ao outro[7], pegou no homem de má cara pelo pescoço e atou-o á arvore tambem.

---

[a] Há um possível erro de redacção: tal vez deva ser "deixando o mais possivel de ser monarchia".

[b] *Cocó, Reineta e Facada* foi uma popular opereta, com texto de D. João da Câmara, estreada em 1893.

[c] General Leopoldo Gouveia, responsável do inquérito que ilibou os autores da chacina de 5 de Abril de 1908. Nesse dia de eleições para a Câmara dos Deputados foram mortos 14 manifestantes, que reclamavam a guarda das urnas, em confrontos com a polícia e militares no Largo de S. Domingos, em Lisboa.

[d] O chefe Amorim, da Guarda Municipal de Lisboa, conhecido pela sua brutalidade na repressão de manifestações e greves, como a dos estudantes em Abril de 1907.

[e] Abílio Magro era um funcionário judicial, auxiliar do juiz de instrução Almeida Azevedo, que conduziu as investigações sobre o regicídio.

[f] *O homem de má cara*: refere-se a João Franco.

[27r] O homem de má cara não gostou. Olhou para a corda e percebeu que era grossa, rija e suja.

– Que ignobil porcaria, disse.

"Oh meu camarada d'arvore, disse então ao outro o homem de má cara, oh [meu camarada d']arvore, arrependo-me de tudo quanto te fiz, arrependo-me ai, arrependo-me. O meu coração chora dentro em mim. Se d'aqui sahir hei de tirar esta corda (apre, que doe!), hei de te tirar d'aqui e tratar bem de ti."

O triste infeliz acreditou, mas ás vezes pensava.

"De si não se livra elle e se vier alguem soltal-o não é com a condição de o deixar soltar-me a mim[8]."

Passou mais tempo e veio uma mão gorda[a] que desatou a corda que prendia o homem de má cara. Este, vendo o pedaço de corda livre, foi, sorrindo[9] interiormente, e, para que elle se não perdesse deu duas voltas com elle á roda do corpo do antigo companheiro d'arvore, que olhava para elle indignado e pasmado.

D'ahi a pouco appareceu o homem[10] de má cara. Trazia mais corda □

[27v] – Vou-te prender – disse elle poeticamente – com um raio de luz.[b]

Atou-o com uma outra corda.

De vez [em] quando vinha e trazia mais corda e atava-o mais. As vezes vinha e cuspia na cara do outro. E dizia-lhe:[11] "o homem de mão gorda tambem te manda um escarro."[12]

E quando o cuspia ou quando o atava olhava para uma janella que havia proxima e d'onde o *Eduardo*[c], o Affonso[d], o Victor Manuel[e] estavam e dizia, piscando o olho: "Cuspo, o homem de mão gorda cospe, ata-se elle quietinho que é um gosto. Vocês não veem elle que está quieto é porque acha que é bom."

O homem da má cara cuspiu outra vez, e outra vez trazia cuspo do homem[13] da mão gorda.

A victima estorcia-se horrorosamente. Via em si os olhares visiveis de uma multidão que o cercava, olhava para as janellas e via o riso ou o sorriso dos outros. Olhava para o chão e via o traço do escarro[14] que lhe haviam cuspido.

Tanto tremia, tanto se suando de indignação que quasi desfez os nós das cordas.

Tremendo de susto o homem de má cara via isso de longe. Disse ao homem da mão gorda: "isto precisa mas é [de] uma corrente".

"Ora" disse o outro, acendendo um charuto.

[28r] Olhe, alvitrou[15] o homem de má cara, vá o senhor adeante com a corrente e prenda-lh'a. A mim doe-me um pé.

---

[a] As expressões *mão gorda* e, adiante, *homem da mão gorda* referem-se ao rei D. Carlos I.

[b] Nova alusão à "poética" frase de João Franco considerando o seu governo "um raio de luz na noite caliginosa da administração pública".

[c] Eduardo VII, rei de Inglaterra.

[d] Afonso XIII, rei de Espanha.

[e] Vítor Manuel III, rei de Itália.

Lá fôram e o homem da mão gorda, a sorrir, atou[16] a corrente varias vezes á roda da victima. Não acabara de o fazer, porém, quando aconteceu[17] uma cousa. Atando muito a victima pelo corpo, as cordas á roda das pernas ficaram mais livres. Na sua alta indignação, a victima conseguiu soltar-se lentamente.

Atraz do homem da mão gorda espreitava, a sorrir, o homem de má cara.

De repente o pé da victima levantou-se e arreou no homem da mão gorda um formidavel pontapé. O homem da mão gorda apanhou-o em cheio e cahiu morto.

A corrente que prendera e ainda não fechara desenrolou-se e cahiu.

O homem de má cara deitou a fugir[18], engulindo mais cuspo.

Nem tão depressa ia [a] fugir que a corrente não se lhe enrolasse[19] n'um pé, arrastando ella consigo.

O homem da arvore lá continua atado.

Os outros cá de fora estão com medo com medo d'elle. Está [28v] muito quieto dizem. Pode-se apertar a corda pelo outro lado da arvore. Mas se fôr preciso chegar ao pé d'elle… ora, ainda está bem preso.

A victima estorcia ainda, cada vez tomava mais força. E pensava ás vezes sinistramente:

Ainda tenho o pé livre.

E olhava a sorrir o seu pé ensanguentado.

– Ó Snr. Pantaleão; esse conto não tem graça nenhuma. [a]

– Tens razão, petiz, não tem graça, não tem. Maldito de quem ria a lêl-o.

Visão □.[b]

Disse eu para o phantasma:

– A monarchia portugueza está desfeita, fragmentada.

– É verdade, respondeu elle, está feita em Cacos com C grande[1].

Visão [*da monarchia*]

Na monarchia portugueza – disse eu ao[1] phantasma extranho – ha muito talento[2], o que é é que se acha escondido. É modesto. Mas ha[3] talento, ha □, ha sciencia, ha…

Ha caco.

Sim esta mistura[4] de modestia e de [29r] saber é o que se pode, jovialmente, chamar um poço de sciencia.

---

[a] Esta linha demonstra que nesta altura o protagonista e autor incumbido das *Visões* era o Sr. Pantaleão.

[b] Ver a visão XV, "Visão da monarchia. (caco).", em 48A-44r.

Ou uma caverna de caco. Sciencia, não. Mas há caco. Ah, então não é poço de sciencia é caverna de caco.[5]

Visão [*da chave*]

Casa roubada, trancas na porta, disse eu, uma originalidade, ao phantasma extranho.

– Não é assim, replicou elle; "casa roubada, fechadura nova" assim é que é…

–Entendo.

– E chave em mão dos amigos dos outros.[1]

– Chave? Chave ingleza, chave franceza, chave □, chave □, chave falsa? qual d'estes artigos é □ [?]

– O quinto /artigo/.[2]

Visão de Obras Monarchicas.

Tive a visão de que varias obras que achei boas teem o nome do autor errado. É assim que na visão as vi:

"O Transformismo" por F.M. de C.[1 a]

? "A Immaculada" por J. L. de C.[2]

? "Introducção á Sciencia da Linguagem", por Oliveira Mattos.

"A Arte de Furtar" por ***.

"O Manual do Prestidigitador" por Manuel Affonso Espregueira.[b]

? "Só" por[3] S. de S. Dantas Baracho.[c]

? "A Infancia[4] Abandonada" pelo rev. José Lourenço de Mattos.

? "Os deveres do Sacerdote" pelo mesmo.

? "A Arte e a Politica" por Manuel de Mattos, O Pintor.[d]

? "Porto-Franco" (Vasconcellos Porto e João Franco)

---

[a] Fernando Martins de Carvalho (1872-1947), jurista, jornalista e político. Começou por ser membro do Partido Republicano, aderiu depois ao Partido Regenerador, pelo qual foi deputado (1901), e ao Partido Regenerador-Liberal, pelo qual foi eleito deputado em 1905, 1906 e 1908. Foi ministro da Fazenda na ditadura de João Franco (Maio de 1907-Fevereiro de 1908).

[b] Manuel Afonso Espregueira (1833-1917), engenheiro militar, administrador dos caminhos-de-ferro e político, foi deputado pelo Partido Progressista, par do reino (1905) e, a partir de 1898, várias vezes ministro da Fazenda, a última das quais após o regicídio, no governo da "Acalmação" e no seguinte, até Abril de 1909.

[c] Sebastião de Sousa Dantas Baracho (1844-1921), general de cavalaria, deputado regenerador, par do reino, ajudante de campo honorário de D. Carlos I e D. Manuel II, demitindo-se deste cargo em 1909. Aderiu à República e foi deputado pelo Partido Republicano (1911).

[d] Manuel Mattos: o nome aparece catalogado numa lista de pintores e desenhistas da época de João Franco.

[30v]

But indignation is a passion of earliest youth. Study that makes ripe[1] the brain[2], softens the heart. It pours out[3] plentifully the pity of the indulgence & a day comes when they at last begin to understand why so[4] many philosophers, having arriving[5] at the last page of human knowledge, have[6] shut the book weeping[7].

Always □, always /drunken/, always stirred[8] by enthusiasm, by hatred or by terror, always seeking around us beings more /ill/ than *we to heap praises or curses upon them, we have certainly a right to a deep pity[9] for us, for our priests, for our demons & for our gods!

At least the evil that religions have wrought gives us the right to study their founders without being held back by a sentiment of veneration or of love that their work does not justify, even as the good that they have done prevents us all others considerations excluded for the moment, from treating those men with hatred or with disdain.[10]

[30r] But is it not useless, is it not □ to undertake the study of Ieshua-bar-Iossef[a]? Was this study[11] not made many times & by men of worth[12]? Are not the names of Strauss & of Renan[b] amply sufficient[13] to discourage the bold man who would dream of venturing and the /land/ of gospel exegesis?

No, [because] however high the worth of a man, he cannot dispose of greater /means/ of his epoch, of the documents & methods of investigation /of which it disposes/. However great the astronomer, he will never discover new stars[14] before a more powerful telescope is[15] conceived by the /physicist/, drawn by the engineer & manufactured by the workman. And, thanks to the instrument at last discovered, all a Milky Way may *come out* of the sky of night out the eye of the [29r] humblest investigator.

After Strauss & Renan, the anonymous & innumerable collaborators of men of genius have worked without /respite/. Science has made progress & not only historic science, but also anthropology, psychology, pathological psychology[16].

Psychology is a science which has for its end[17] the study of the phenomena[18] of which the brain is the theatre; it /comprises a/ cerebral physiology.

Now it is impossible to arrive at the perfect comprehension of the physiology of any anger whatever □

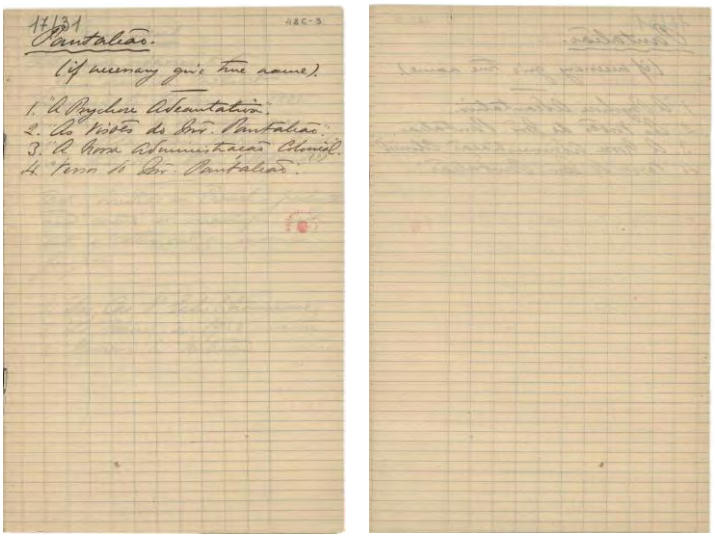
---

[a] Ieshua bar Iossef (hebreu): Jesus filho de José.

[b] David Friedrich Strauss (1808-1874), teólogo e escritor alemão, autor de *O Cristo da Fé e o Jesus da História* (1865), que causou grande polémica pelo seu retrato do Jesus histórico, de natureza não divina. Ernest Renan (1823-1892), filósofo e escritor francês, autor de *Vida de Jesus* (1863), obra condenada pela Igreja por descrever Jesus como um mero personagem histórico e por atribuir os seus milagres a causas racionais.

Anexo: Pantaleão e as Visões

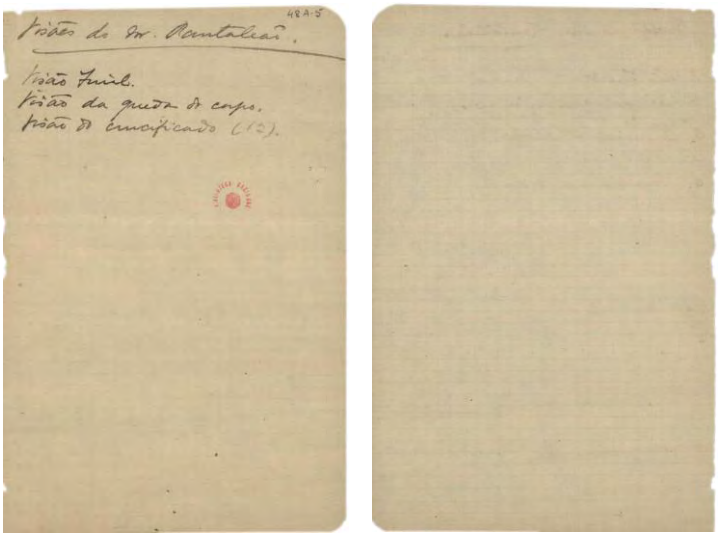
1. BNP/E3, 48C-3r.


17/31 48C-3
Pantaleão.
(if necessary give true name).
1. "A Psychose Adeantativa."
2. "As Visões do Snr. Pantaleão."
3. "A Nossa Administração Colonial."
4. "Versos do Snr. Pantaleão."

Pantaleão.
(if necessary give true name).

1. "A Psychose Adeantativa."
2. "As Visões do Snr. Pantaleão."
3. "A Nossa Administração Colonial."
4. "Versos do Snr. Pantaleão."

2. BNP/E3, 48A-5r.


48A-5
Visões do Snr. Pantaleão.
Visão Final.
Visão da queda do corpo.
Visão do crucificado (1ª).

Visões do Snr. Pantaleão.

Visão Final
Visão da queda do corpo.
Visão do crucificado (1ª).

3 [48A-44r a 47r]

Visões Politicas do Snr. Pantaleão

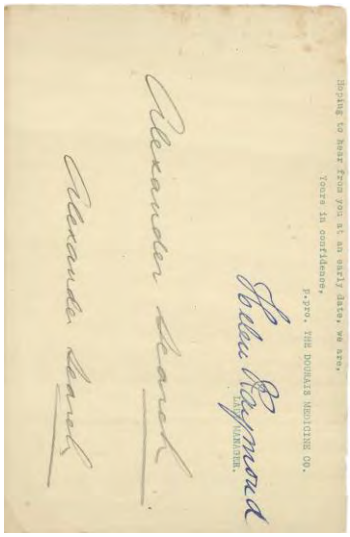
Prefacio.
I. Visão primeira.
II. □
III. □
IV. □
V. Visão dos canalhas.
VI. Visão jornalistica.
VII. Visão da camisaria.
VIII. Visão da planicie.
IX. Visão da conversa.
X. Visão das cobras.
XI. Visão do proverbio.
XII. Visão da pergunta.
XIII. Visão da chave.
XIV. Visão de futuras contas.
XV. Visão da monarchia. (caco).
XVI. Visão do velhinho.
XVII. Visão da Taboleta.
XVIII. Primeira Visão do Crucificado.
XIX. Visão do casaco do conselheiro.
XX. Visão do desenho.
XXI. Visão extranha.
XXII. Visão de um museu monarchico.
XXIII. □
XXIV. □
XXV. □
[45r] XXVI. □
XXVII. □
XXVIII. □
XXIX. □
XXX. □
XXXI. □
XXXII. □
XXXIII. □
XXXIV. □
XXXV. □
XXXVI. □

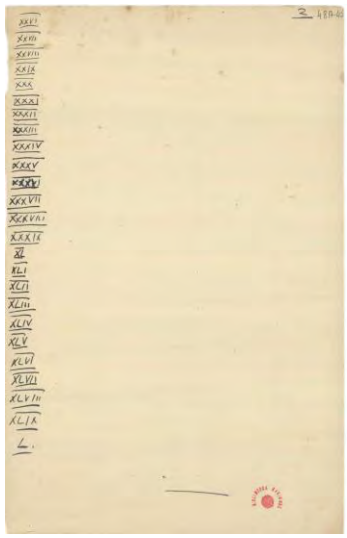
XXXVII. □
XXXVIII. □
XXXIX. □
XL. □
XLI. □
XLII. □
XLIII. □
XLIV. □
XLV. □
XLVI. □
XLVII. □
XLVIII. □
XLVIX. □
L. □
[46r] LI. □
LII. □
LIII. □
LIV. □
LIV. □
LIVI. □
LIVII. □
LIVIII. □
LIX. □
LX. □
LXI. □
LXII. □
LXIII. □
LXIV. □
LXV. □
LXVI. □
LXVII. □
LXVIII. □
LXIX. □
LXX. □
LXXI. □
LXXII. □
LXXIII. □
LXXIV. □
LXXV. □[a]

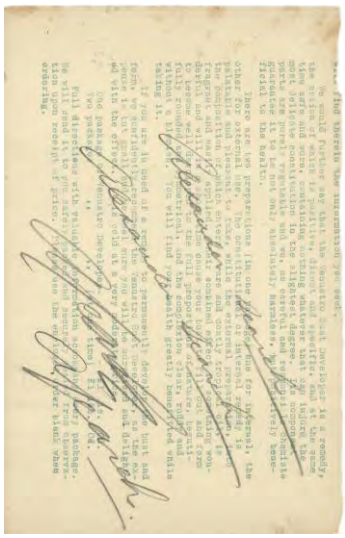
[a] No verso da folha está escrito: "As visões do Snr. Pantaleão"; e riscado: incluindo | <Seguidas de um estudo feito pelo mesmo snr., sobre uma nova especie noso> <psychose.> | <– Sem vocabulario–>.

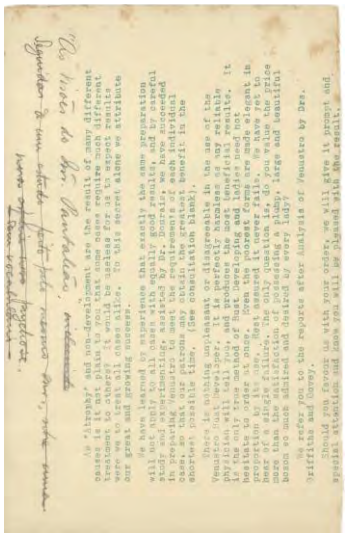
[47r] LXXVI. □
LXXVII. □
LXXVIII. □
LXXIX. □
LXXX. □
LXXXI. □
LXXXII. □
LXXXIII. □
LXXXIV. □
LXXXV. □
LXXXVI. □
LXXXVII. □
LXXXVIII. □
LXXXIX. □
XC. □
XCI. □
XCII. □
XCIII. □
XCIV. □
XCV. □
XCVI. □
XCVII. □
XCVIII. □
XCIX. □
C. □

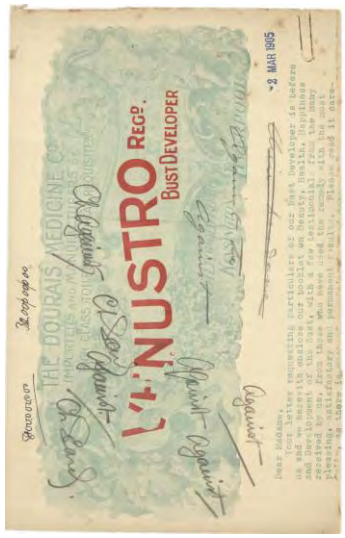
Visões Obtidas do Dr. Pentaleão
Original
I. Visão primeira.
II.
III.
IV.
V. Visão dos canalhas.
VI. Visão pomabilista.
VII. Visão da camisaria.
VIII. Visão da planície.
IX. Visão da conversa.
X. Visão das obras.
XI. Visão do proverbio
XII. Visão da pergunta.
XIII. Visão da chave.
XIV. Visão de futuras contas.
XV. Visão da monarchia.
XVI. Visão do velhinho.
XVII. Visão da Tabolita.
XVIII. Primeira Visão do Crucificado.
XIX. Visão do caracol do conselheiro.
XX. Visão do desenho.
XXI. Visão estranha.
XXII. Visão de um anello monarchico.
XXIII.
XXIV.


Alexander Leonard
Alexander Leonard
Fernando Pessoa
Lisboa
Portugal
Lisboa 10 Mars 1920
Dear Sir
Herewith we send you a copy of our Medical Book, which we hope will be of interest to you.
Yours in confidence,
P.pro. THE DOUGLAS MEDICINE CO.
LAGOS NIGERIA.



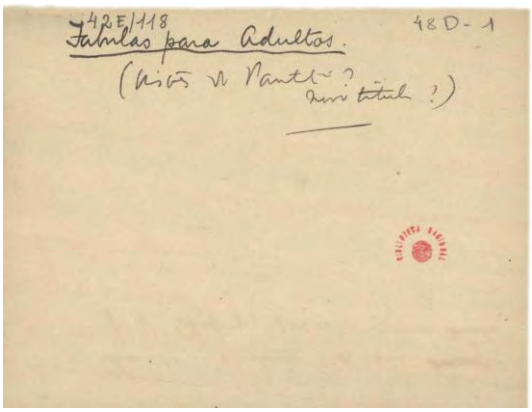


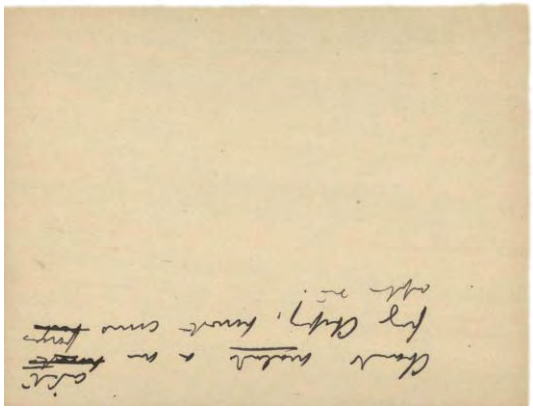



THE DOURAIS MEDICINE Co
L'NUSTRO REGD.
BUST DEVELOPER
-2 MAR 1905

4. BNP/E3, 48D-1r.

Fabulas para Adultos.
(Visões de Pantaleão?
Novo título?)





Notas (caderno)

Nas notas podem ocorrer os símbolos seguintes, também utilizados na edição crítica das obras do autor:

□	espaço deixado em branco pelo autor
*	leitura conjecturada
†	palavra ilegível
//	passagem dubitada pelo autor
<>	segmento autógrafo riscado
<>/\	substituição por superposição
<>[↑]	substituição por riscado e acrescento
[↑]	acrescento na entrelinha superior
[↓]	acrescento na entrelinha inferior
[→]	acrescento na margem direita
[←]	acrescento na margem esquerda

Nesta secção, as palavras do editor figuram em tipo itâlico.

BNP/E3, 144A[2]

[1r]
1 <*men> [↑ organisms]

[2]
1 14/] *manuscrito a lapis azul*.
2 Ouvi então soar [↑ dois tiros]
3 <*asperos> [↑ nitidos]
4 <feliz> extranhamente *feliz*
5 oleoso] *sublinhado no original; outra leitura possível, embora paleograficamente menos nítida, é* obeso, *adjectivo que surge pouco depois neste mesmo texto*.
6 ouvi cahir nos
7 arrepiar-se-me] *ou* arripiar-se-me, *com dois «i»*.
8 [↑ o corpo] estava cheio d'ouro.] *existe um acrescento manuscrito a tinta preta*.
9 corpo obeso] *uma seta indica a troca de posição*.
10 obeso <e> invisivel
11 sem mudar mudar-se] *hipôtese de leitura; suprimimos as primeiras duas palavras*.

[3r]
1 15/] *manuscrito a lápis azul*.
2 Reparos[↑ações]
3 [↑ com] que

[4r]
1 16/] *manuscrito a lápis azul*.
2 <ci> charuto.
3 Um exemplar] *a partir de* Um exemplar *até* Mais burros ainda *o texto foi manuscrito não a lápis, mas a tinta preta*.

[4v]
1 <Um> *Secção*
2 O Artº <I>/8º\ <do projecto de>
3 Uma [↑ colher que tem escripto] ["]ignobil porcaria["]<.>/;\

[5r]
1 17/] *manuscrito a lápis azul*.

[6]
1 <qual> que
2 [invisiveis <?>] [↑ males] [?] *acrescentos num espaço deixado em branco pelo autor*.
3 escuro [↑ negro] *variante manuscrita a tinta preta*.
4 [↑ no espaço] visual
5 <por> de
6 côr de leite<.>/,\ <Não> mais brancos ainda.
7 um luar extranho [↑ sobre elles] incidia
8 <†> jaziam
9 Nos olhos d'alguns boiavam danças, □ outros como que trahiam a visão de torres e □] *segmento manuscrito a tinta preta e não a lápis, tal como os parágrafos anteriores*.

[7r]
1 Nat.] *no original*.

[7v]
1 [← I'm] Determined] *leitura conjectural*.

[8r]
1 Form doth pass away, <*rot> [↑ no] rot

[8r]
1 <*Dream, *dream> [↑ Dreamer, dreamer], thy dream is right.

[9r]
1 <liberal> [↑ constitucional]
2 [↑ como] não tenho o instincto do risco
3 era apenas no escrever das palavras [↑ que desenha a escripta das palavras]
4 *Por analogia com a segunda frase, fazemos anteceder por um travessão a palavra* escrevi *também na primeira e na terceira frase*.
5 em [↑ sobre] [↓ com] *variantes alternativas*.

[9r]
1 [↑ Sonhei que contava contos a creancinhas.] <Um dia> <u>/U\m velhinho – visionei [↑ <sonhei> vira eu] [↓ vi-o em visão] – ia <todos> de vez em quando de sua casa para casa de Snr. <Estado> Povo.
2 <p'r'o> [↑ para o] lado

[9v]
1 18c/] *manuscrito a lapis azul, tal como os números* 1, 2, 3 *e* 4 *que se encontram na margem esquerda das páginas 144A*^{2}*-9*^{r}*, 10*^{r}*e 10*^{v}.
2 na[s] algibeira[s]

3 <levava> trazia
4 <*vindo> do lado da parede.
5 [→ Felizmente meu lado pessoal posso eu mostrar.] *acrescento manuscrito a lápis; no texto, faltavam as aspas de fecho*.
6 *Seguem-se algumas linhas riscadas:* <Tinha> |<– E o garoto não o provocou – | – Provocou, sim, Snr Pantaleão, mas elle *andava *para *dentro>

[10r]
1 of [↑ in]
2 Rest for your <*work> walk <th>in quest of work
3 [↑ Rest your wayworn heart.] *acrescento manuscrito a lapis*.
4 <the> [↑ an external analogy in the]
5 <he> [↑ it]
6 The others [↑ in this room]
7 *mumbled in a low tone.] *parece "wobbled in a low tone"*.

[10r]
1 <– Vio> Vi-o passar – sonhei<,>/;\ <m> ia
2 *Segue-se uma frase riscada*: <Toda a gente notara>.
3 [← mais] escuro.
4 <disse.>[↑ sondei.]

[10v]
1 d<e>/o\ <um> crucificado.
2 <beijado> [↑ osculado]
3 <beijo> osculo
4 <fustigaram> [↑ flagellaram-no]
5 *Segue-se uma linha riscada:* <Morreu>.
6 <qu> com espanto que
7 [↑ lia] uma carta
8 que o [↑ cuspiram e que o] fustigaram
9 <Puz os olhos> [↑ Mirei] [↑ os]
10 <os *meus> semelhantes.

[11r]
1 Be it so, we are < □>/<parted>\ [↓ sundered] for ever
2 Different[→ly destined] and born<.>/,\ ] *com um acrescento manuscrito a lápis (*ly destined*)*.
3 Be it so we for ever are [→ sundered]
4 My <very> [↑ own] very reason hath [→ wandered]
5 [← 'Tis not longer that my □ is [↑ I can be] with sanity
6 <*Nor> [↑ <*Yet>] Now let us part, 'tis yet time.
7 *Segundo João Dionísio este quarteto terá sido substituído por uma segunda redacção, também colocada na margem esquerda, que começa:* I give me all over to terror.
8 All unto madness and <pain> [↑ woe]
9 <Fate is thus>; [↓ 'Twas so to be]; be it so.

[11r]
1 chefe [↑ leader]
2 Chegou <o> um homem á pressa.

[11v e 12r]

1 <A> Tinha
2 cavalheiresco] *leitura conjectural*.
3 <*mas> de victoria
4 <já> não tinha
5 [↑ Um manto d'ouro que trazia havia-lhe sido arrancado. <Uma cruz d'oiro que>]
6 ou quebrada [↑ talvez] já <estava> [↑ estivesse]
7 <que> sobre a qual jazia
8 <era,> [↑ com] <*en> uma [↑ enorme] commoção a cobria
9 <Olhei> [↑ Attentei] então <para> [n]o olhar
10 Não tinha no [↑ morto] olhar <nad> nada
11 o ultimo folego do <*so> □, o <ardor> [↑ relampago] ultimo do vivo
12 <m> sentem uma morte
13 Rancôr □ -m.te muda] *é difícil conjecturar o que poderia ocupar o espaço que o autor deixou em branco*.
14 <sentem>[↑ morrem de]
15 <da aldeã> [↑ da mulher] <violada> que se vende [↑ morre]
16 Um soluço de indignada angustia boia d'aquelle olhar.] *acrescento manuscrito a lápis*.
17 <asco> [↑ asco]
18 em cujo [↑ morto] olhar
19 <Fez-se um sonho> Quedei silencioso.
20 <O>/Não\ foi o vicio
21 significam<;>/.\<m>/M\orte
22 <tremenda>[↑ tremenda]
23 <*m> asquerosa

[12v]

1 wil<ln>/l\essness
2 <*attemp> caressing

[13 a 16r]

1 'Tis the first sunbeam[↑ray] of morn
2 'Tis <larger> [↑ larger] now; th<at>/is\ wall, that house
3 Who<m>/se\ kiss <f>/is\ just begun.
4 <Over> Over the [↑ City's] highest things
5 Something, resembling silence but more <feeble> [↑ bright]
6 Stricken [↑ <Of life>] by life's □
7 *Segue-se uma linha riscada de difícil leitura*.
8 Pour into [↑ to the] splendid <luxury>/luxury\
9 Could <not>/not\ <but>/but\ say: "How could this be?
10 <Reading> [↑ <Read>] ? <Read>/Read\ of the sunrise in his verse
11 And into □ to <in> immerse."
12 A melancholy <fro> of life's self, feeble, pure
13 <That I cannot in words contain,> |Which howe'er far from it I strain
14 <However far from it I strain> | My <so> Soul cannot in words contain.
15 *Seguem-se dois versos riscados:* <Mother of Nature, I love you> | <Nature Mo>
16 Dying [↑ ? Dying] now in the arms of toil begun
17 Along the <□>/trees & house-tops\ to increase
18 <Like> [↑ A] coldness to the <*sith> [↑ sight] in their
19 Which <*deem> [↑ deem] if the morning is not there [↑ morn is not yet there]

20 Oh top leaves of <the lowest trees> [↑ trees that lower are]
21 Far away <flies> dies
22 Here & there little <*matters> [↑ whitenesses] of *somber
23 Confusion of thought. New thoughts!] *com uma seta que altera a ordem das duas frases*.
24 <The †'s> Day & night, to a □ luminous)
25 <In thine> <thy> [↑ Pours in a] kiss of waking light
26 Are †, <†> [↑ another] † with delight;
27 With vague & false <sensual> glee –
28 Whether at <morn> [↑ morn] thou takest
29 <One> [↑ My] heart with gladness
30 Or if <with> [↑ in] sadness
31 When night is <†>,
32 How <the hour> [↑ moonlight] flowing
33 Poured, oh Mother, from <my> the thing that in me
34 Something with a hinted nature the □ of my <†> unrest
35 Be a sunbeam that I may die [↑ of love] in thine arms
36 Be a mother that I <† † † taking *a rest> [↑ may die sleeping upon thy breast.] *segue-se um verso riscado:* <Half- † of [→†††] † in the heaven of thy breast.>

[17r]
1 to <a> hide a box

[17r]
1 [↑ an] insanely exaggerated
2 <extent> [↑ success]

[18r]
1 <José> Luciano de Castro
2 with those <things &>: either
3 made the offer <merely to> knowing quite well

[19r]
1 <was> [↑ should]
2 the [↑ coming] apostasy of <the> Franco
3 <this> [↑ the]
4 link [↑ bind]
5 <them> those
6 the <evident> purpose
7 <H> *he*

[20r]
1 Esta <é outra> [↑ que vou contar é] mais <longa, mais triste, mais> [→ horrenda ainda.]
2 <lhe> falharam
3 Um dia fôram buscal-o <e> [↑ para o] crucificar<am-no>/em\.
4 elle <ar> [↑ <nem>] [↑ só gemer] p<u>/o\dia
5 do [↑ seu] grito
6 fazer.<">
7 [↑ que se esvahiu] impotente
8 <hou> houvera
9 talvez<,>/.\ <t>/T\alvez

[21r]
1 Dormi bem. E ouvi. E lembrei. Ha uma phrase exactamente, completamente idiota. É esta: [↑ Mas a m. é o roubo; a victoria extrangeira, o assassinato do paiz. Vê-se pois ou não que o verdadeiro sentido das palavras dos politicos é este:]
2 É ou não é? [→ *ou* [Não é a melhor das provas mas já não é mau. Quem costuma usar esta frase?]]

[21]
1 <Que pla> [↑ fortes signaes] de ferraduras
2 do thesouro publico. <respondeu.>
3 E estas marcas <de> – estas profundissimas marcas de ferraduras - <qual> que grandes bestas

[21v]
1 Tive uma visão de uma camisa [espiritual. Parece asneira, mas não é.] <A vergonha era symbolisada por uma gravata.>
2 têm [↑ tinham]

[21v]
1 <esta> tanta
2 consigno<l>/-\lhe

[22r]
1 <pod> condão

[22r]
1 no seu proprio rabo [↑ em si mesma]
2 <Isto foi numa visão; só> [↑ Mas isto] acontece [↑ só] ás cobras. <Quando mortas aquellas ellas não gosta.> É pena.] *seguem-se duas linhas riscadas:* <Inda um> <Os politicos nem se adeantam>.

[22r]
1 em novos, [↑ (nos exames),]
2 <nos exames>, agora

[22v]
1 politicos adeantados] *acrescenta-se o ponto de interrogação*.

[23r]
1 <Padre> Director
2 Isto não e] *no original*.
3 <uma> <só> [↑ apenas]

[23r]
1 <Obras Pub> [↑ 40 contos]. Obras publicas.
2 Regicidio. <Fuga.> Bigode. Zero.

[23v]
1 <até> d'aqui em deante

[24r]
1 <†> [↑†] † of it
2 <d>/D\eath
3 Requiescat in peace.] *uma seta indica troca de posição*.

[24v e 25r]
1 2<3>/4*-7-08*
2 No, it depicteths <words> [↑ speech].
3 Like a melody weeping <loud> [↑ loud] in me
4 I owe from these things <feeling> [↑ knowing]:] *seguem-se dois versos riscados:* < That deeper than joy is pain [↑ <pain is deeper than joy>],> <Yet that>
5 The <day> [↑ light] is more than the day
6 Far, not in space, but <in the core> of things at the core
7 I fell <a thing> [↑ aught] <exist>/doth\ exist

[25v e 26r]
1 <pouco delicado> aspero e brutal
2 N'esta <epo> □ de amnésia
3 d<o>/a\ <respeito> [↑ veneração] que <é devido>[↑ compete] aos Snrs. <a>/A\ssassinos
4 <Eu,> <p>/P\ropriamente falando
5 egual [↑ em valôr]
6 *Na margem esquerda deste parágrafo e do seguinte existe um traço vertical e um ponto de interrogação*.
7 é <hoje> isto hoje

[26v a 28v]
1 <teceu> [↑ teceu]
2 <entre> sorridente
3 um[a] <estrado> árvore
4 <o> /a\ <homem> victima
5 <D> Passou-se
6 o [↑ <tal>] homem
7 <que junto> [↑ e juntando-o] ao outro
8 a condição de <me> o deixar soltar-me a mim
9 <sorri> [↑ foi, sorrindo]
10 <um> /o\ homem
11 <Mas á medida que apertava ia-se esquecendo um tanto> E dizia-lhe:
12 "o homem de mão gorda<"> tambem te manda um escarro."
13 cuspiu [↑ outra vez], e [↑ outra vez] trazia cuspo do <outro> homem
14 <cuspo> escarro
15 <disse respondendo> [↑ alvitrou]
16 <at> atou
17 <est> [↑ aconteceu]
18 <fugiu> deitou a fugir
19 não se <enro>[↑ lhe] enrolasse

[28v]
1 <c>/C\acos com C grande

[28v e 29r]

1 <expoz-me o> [↑ disse eu ao]
2 <é uma gruta> ha muito talento
3 <O> [↑ Mas ha]
4 <mezcl> mistura
5 [→ Sciencia, não. Mas há caco. Ah, então não é poço de sciencia é caverna de caco.] *segue-se uma indicação em inglês:* (Or in verse).

[29r]

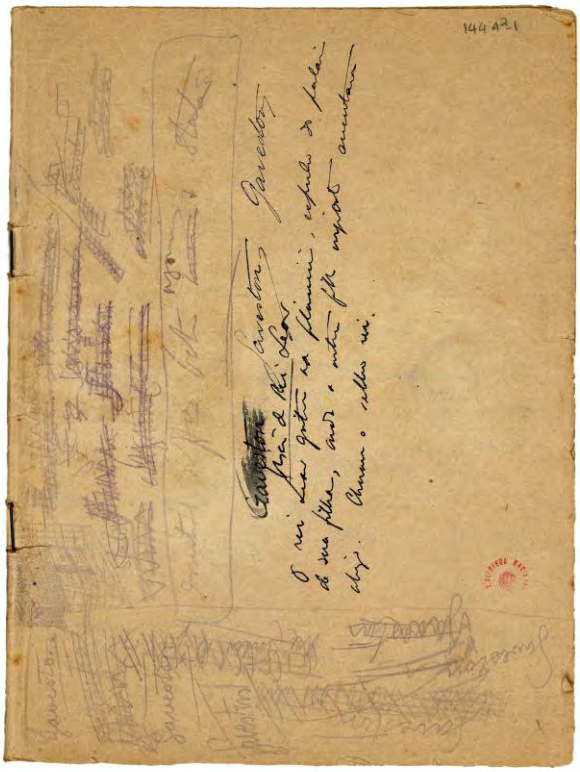
1 dos <*antigos> *antigos ladrões. [↑ amigos dos outros.]
2 – <O que> <A chave dos ladrões?> <o> O quinto /artigo/.

[29r]

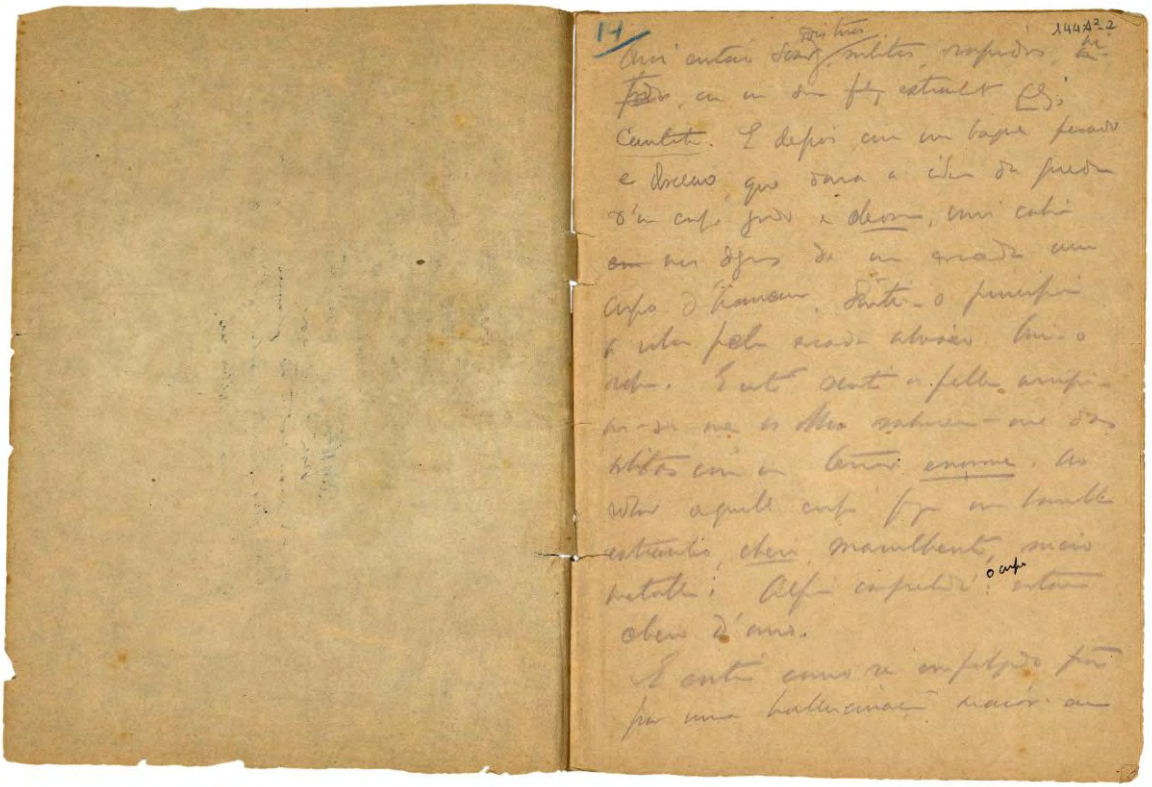
1 Fernando Martins de Carvalho [↑ F.M. de C.]
2 J. L. de Castro (J. L. de C.)
3 <pelo> por
4 <Prole> [↑ A Infancia]

[30v a 29v]

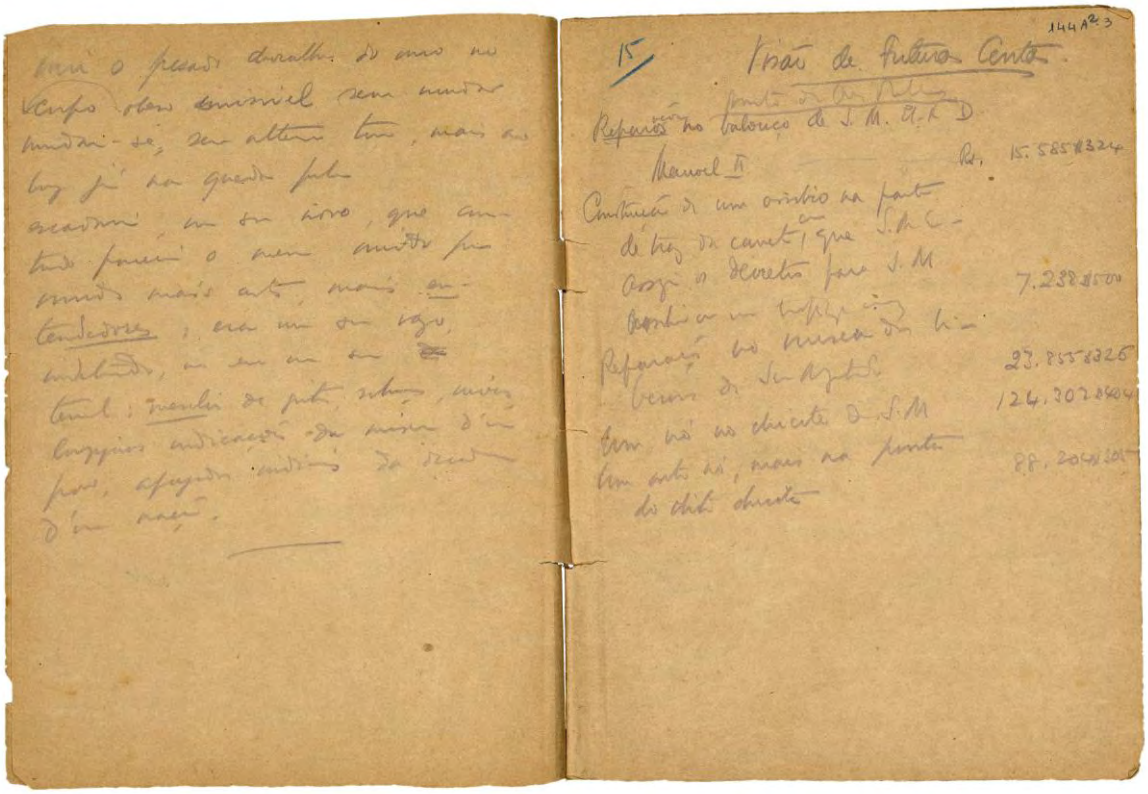
1 ripens [↑ makes ripe]
2 <†> [↑ brain]
3 <no longer> [↑ pours out]
4 when <we> [↑ they] <become> at last <why s> begin to understand why so
5 <arriving> having arrived [arriving]
6 <*now> [↑ have]
7 in tears [↓ weeping]
8 shaken [↑ stirred]
9 <pity> a deep pity
10 from treating those [←men with hatred or with disdain.]
11 [↑ Was] This study
12 <man> <men> [↑ men of worth]
13 [↑ amply] sufficient
14 <the> [↑ new] stars
15 <is> is
16 <psychop> pathological psychology
17 has for [↑ its] end
18 of [↑ the] phenomena



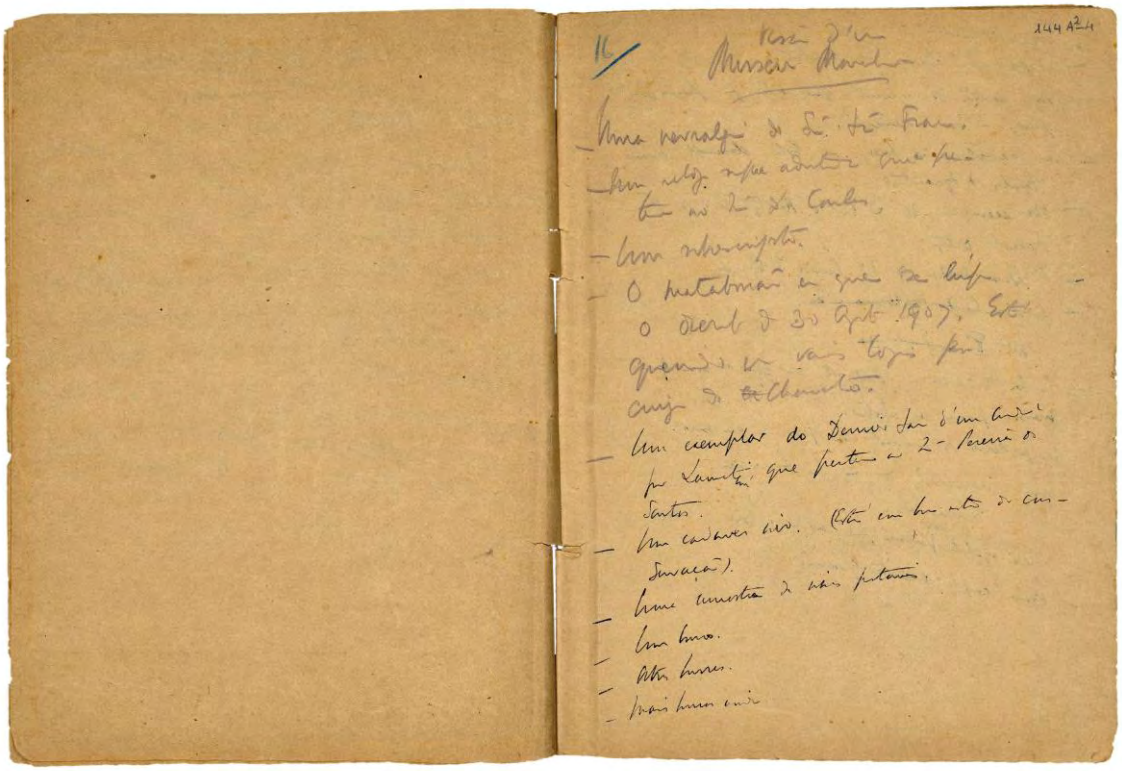
BNP/E3, 144A²-1¹.



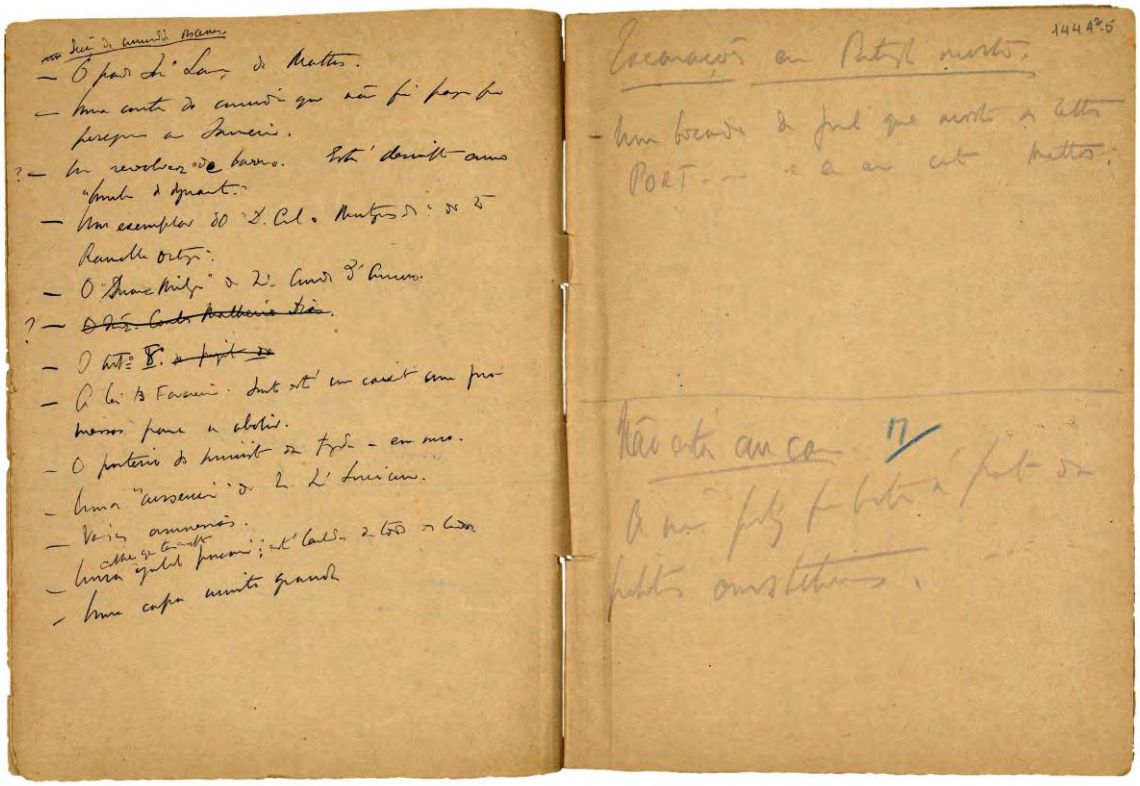
BNP/E3, 144A²-1ᵛ e 2ʳ.



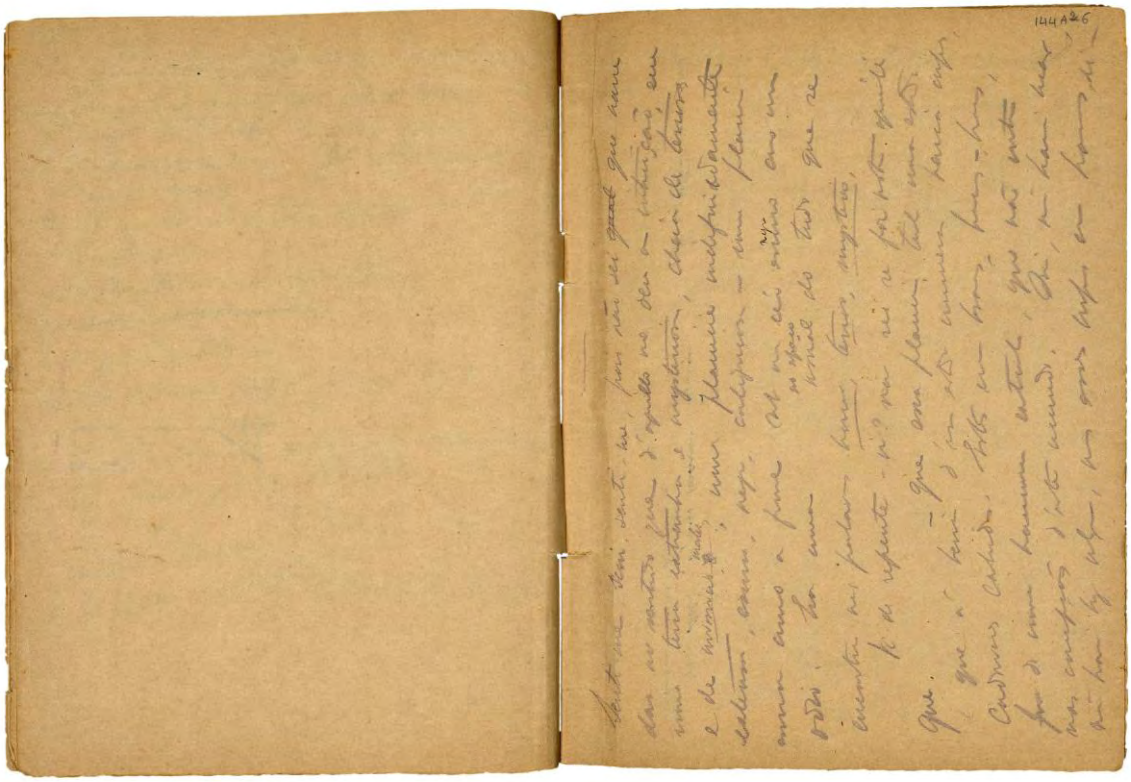
BNP/E3, 144A²-2ᵛ e 3ʳ.



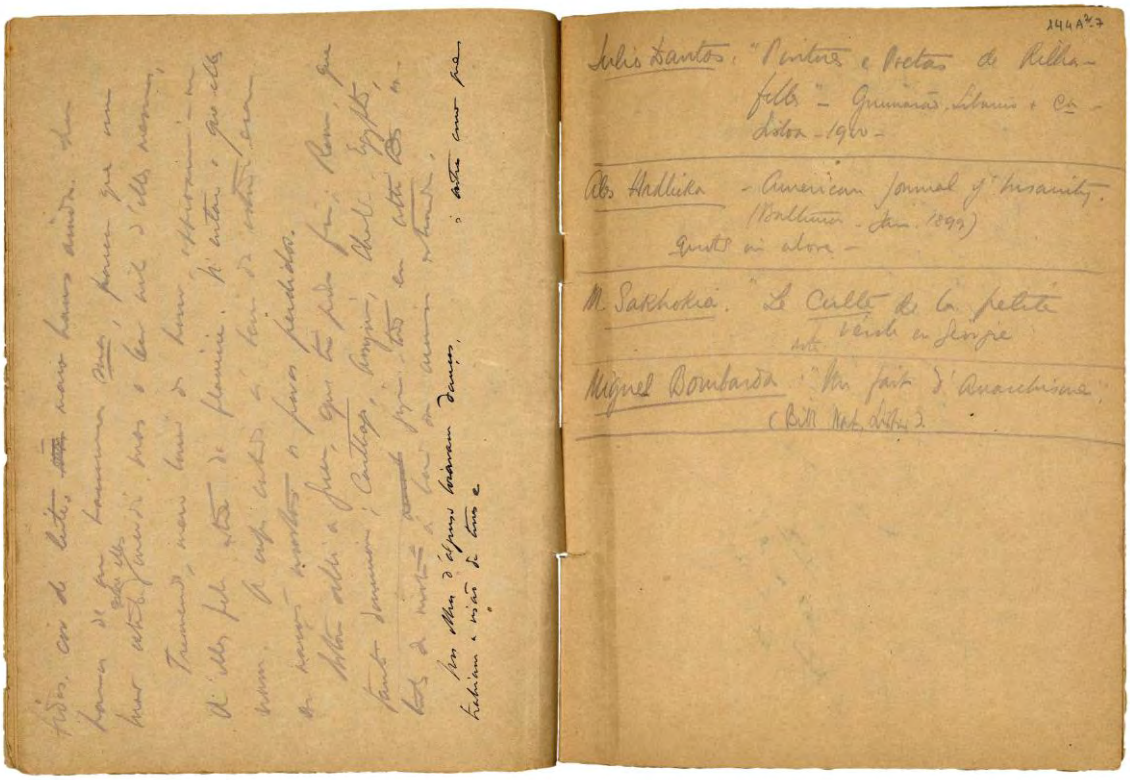
BNP/E3, 144A²-3ᵛ e 4ʳ.



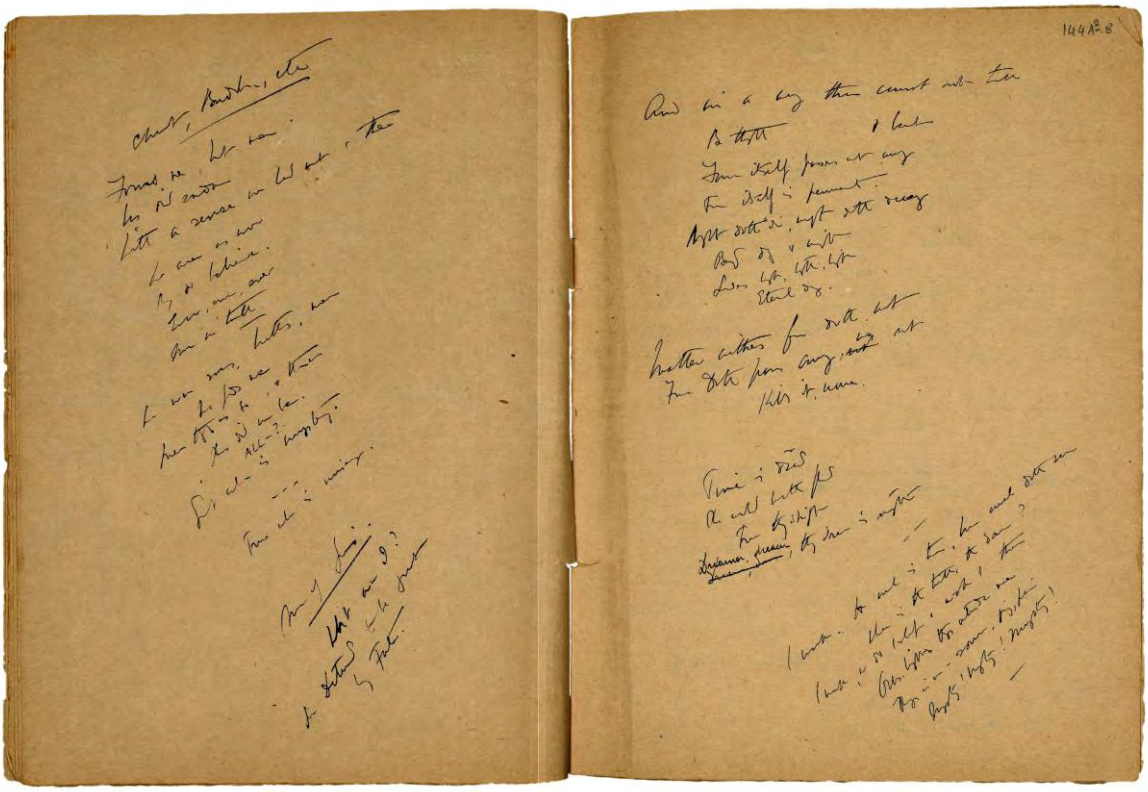
BNP/E3, 144A²-4ᵛ e 5ʳ.



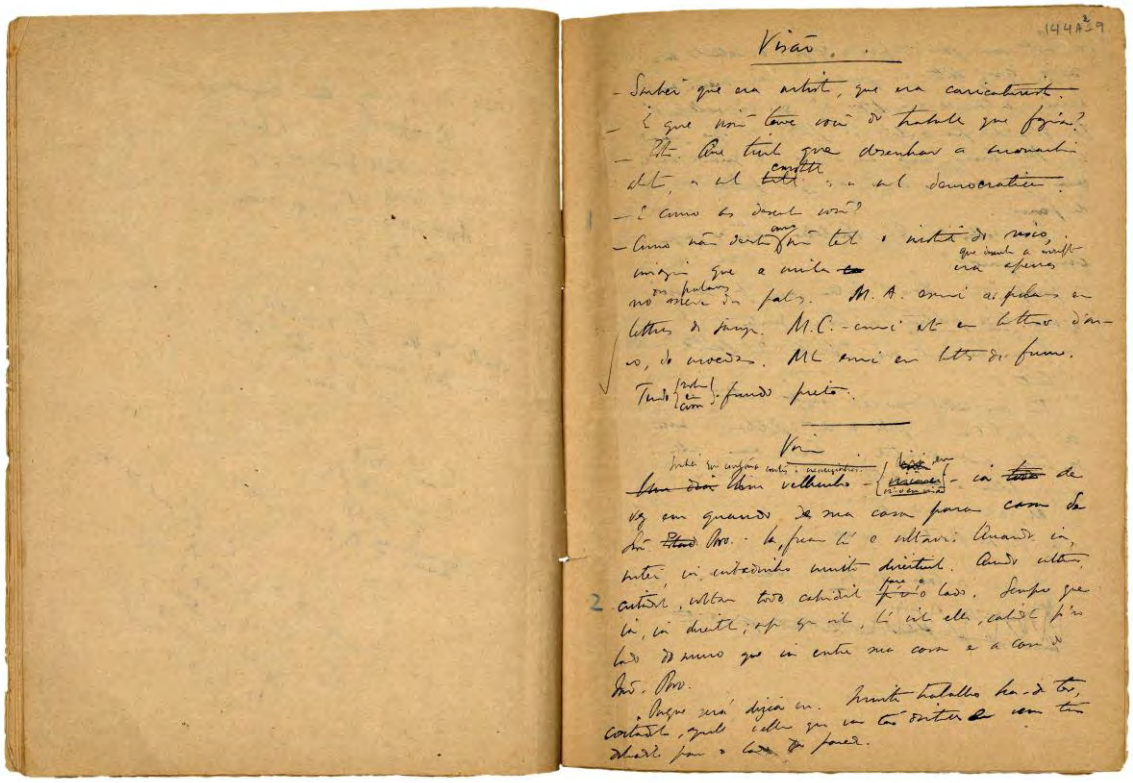
BNP/E3, 144A²-5ᵛ e 6ʳ.



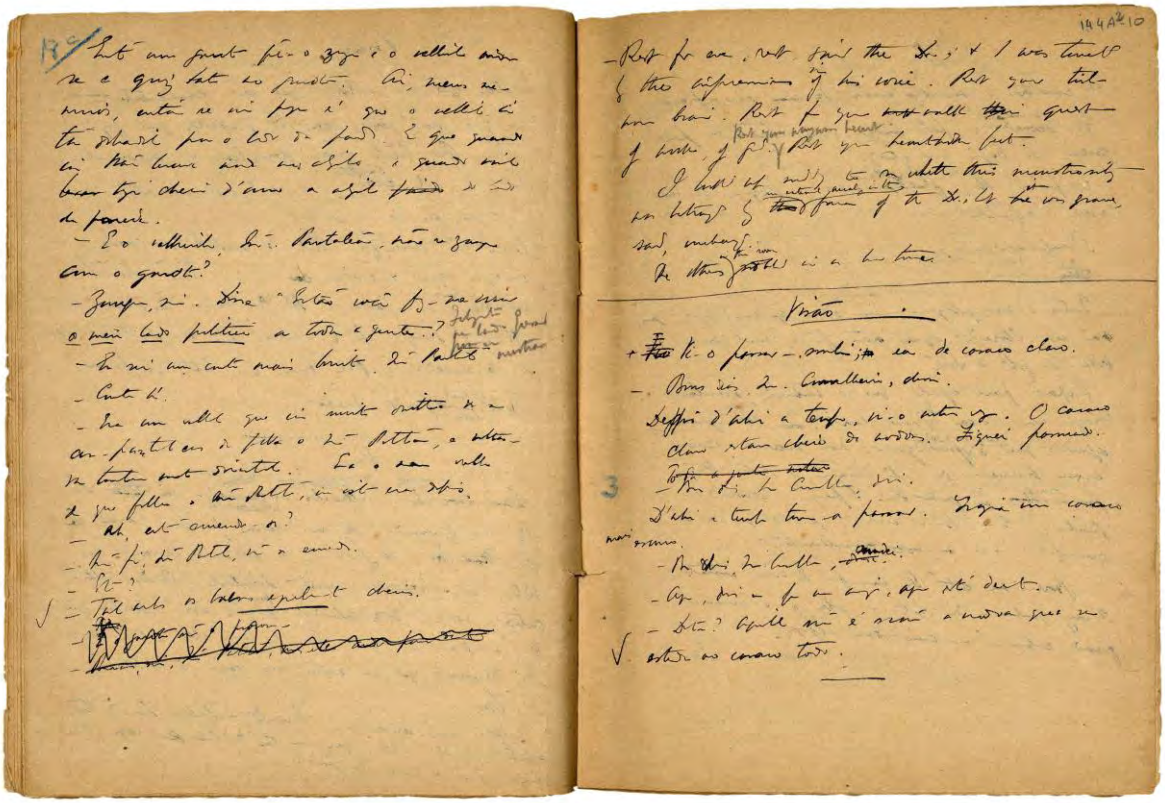
BNP/E3, 144A²-6ᵛ e 7ʳ.



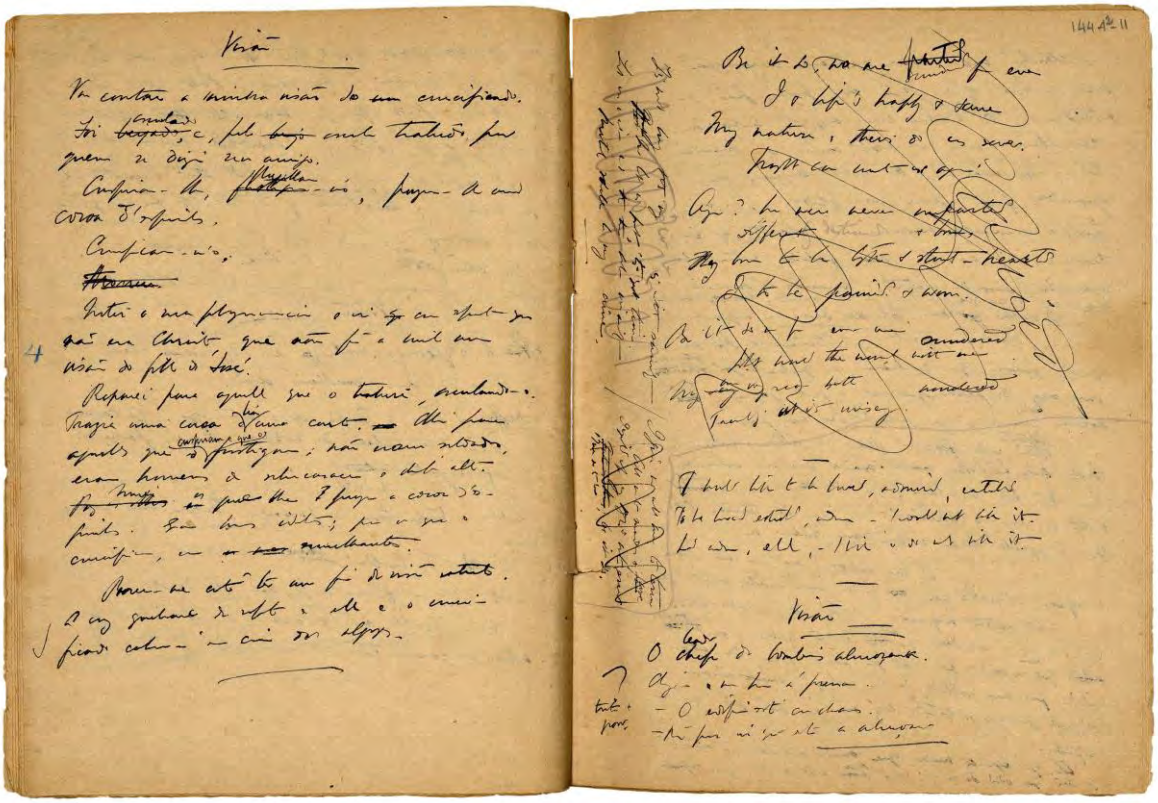
BNP/E3, 144A²-7ᵛ e 8ʳ.



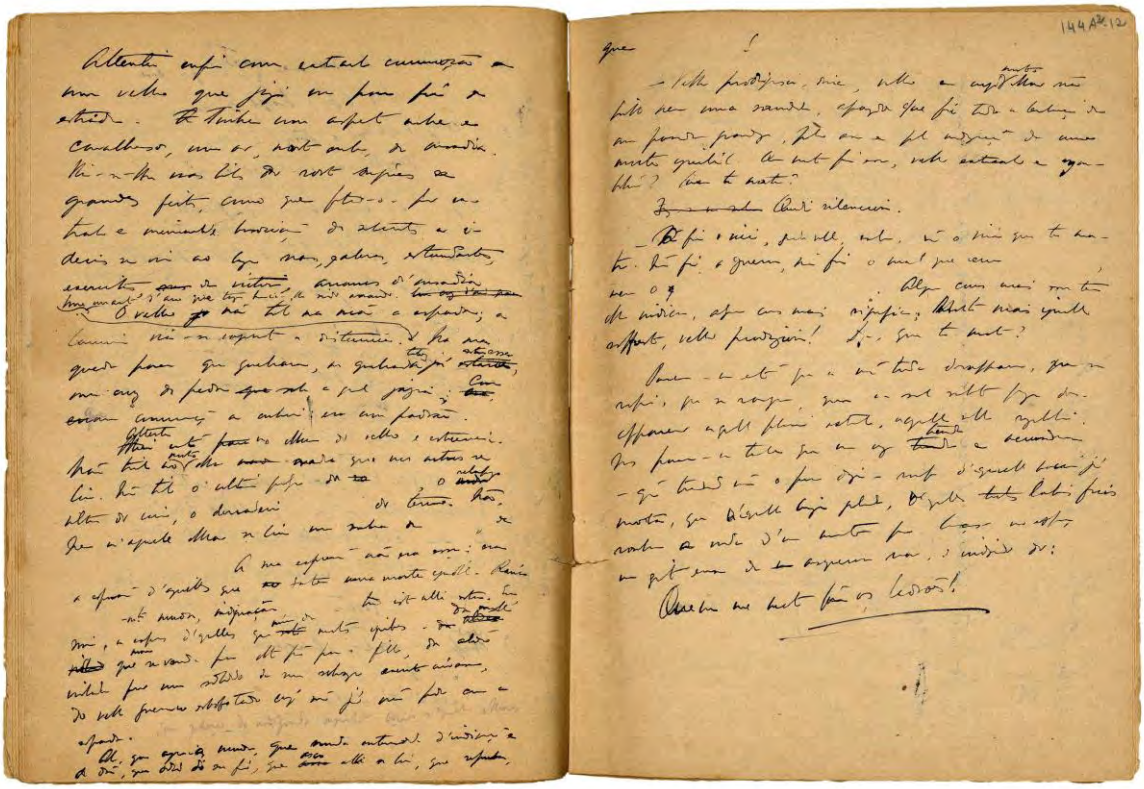
BNP/E3, 144A²-8ᵛ e 9ʳ.



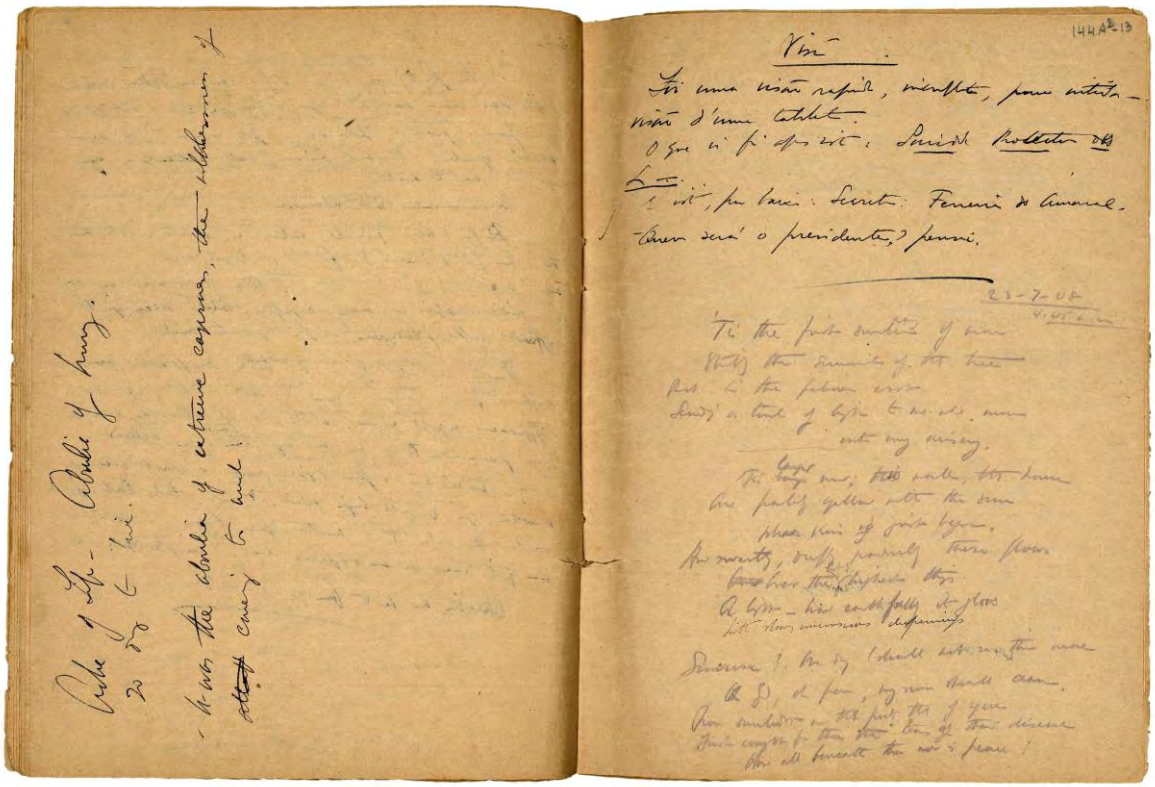
BNP/E3, 144A²-9ᵛ e 10ʳ.



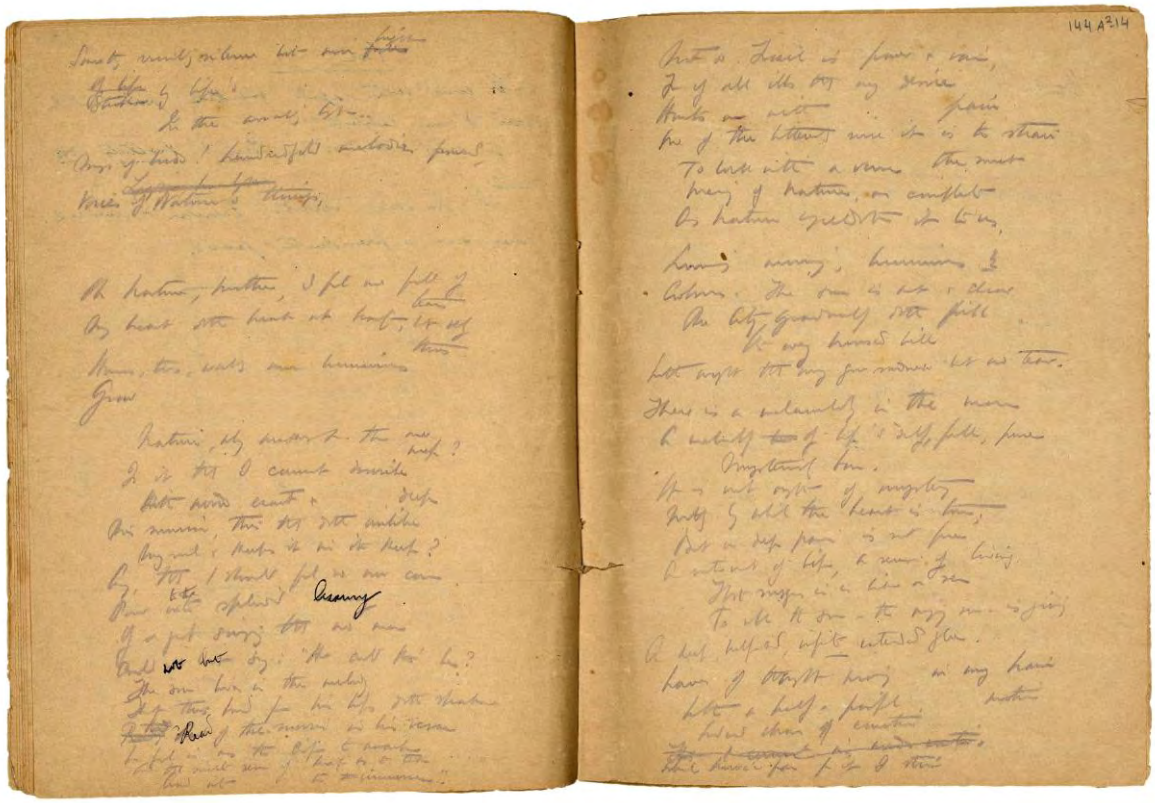
BNP/E3, 144A²-10ᵛ e 11ʳ.



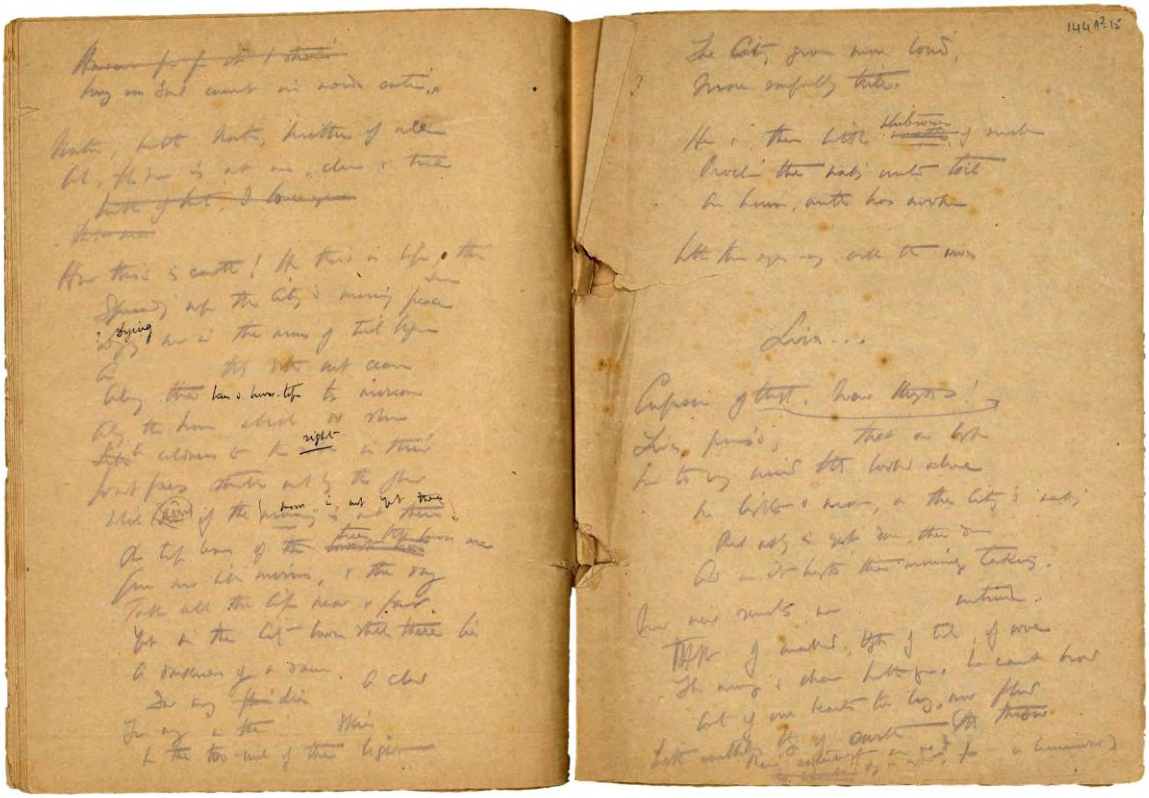
BNP/E3, 144A²-11ᵛ e 12ʳ.



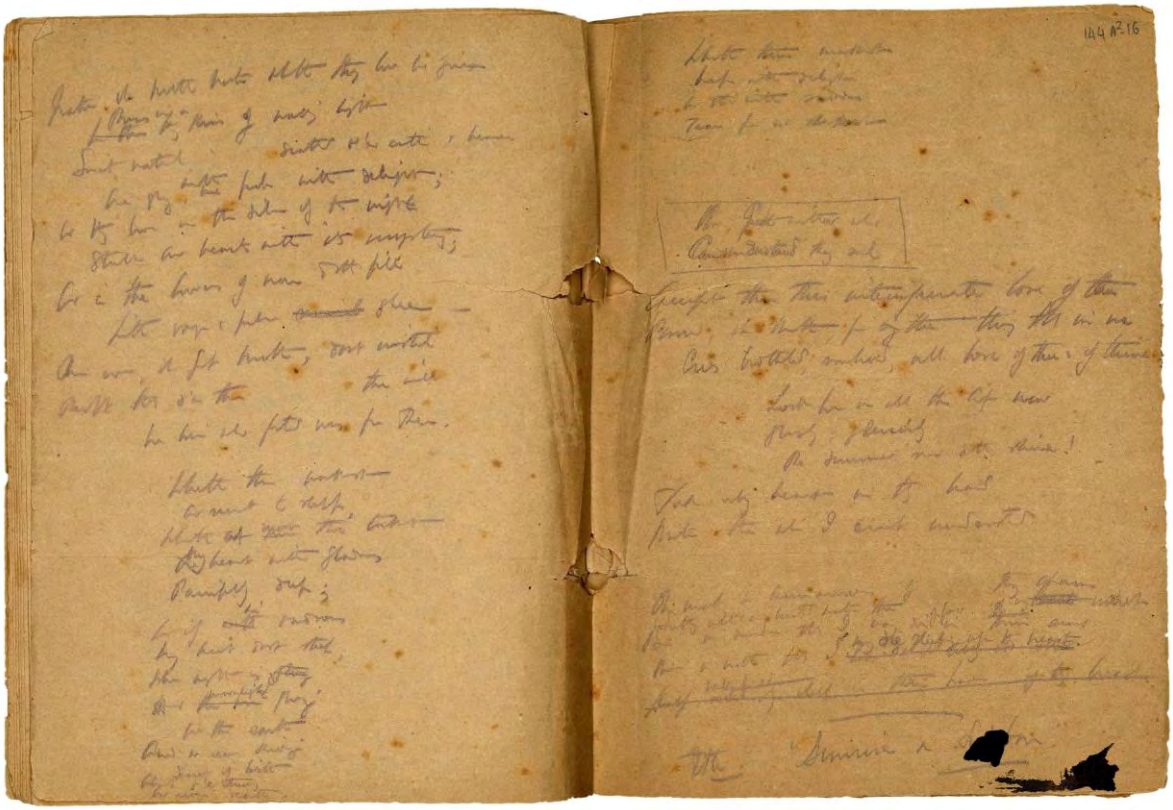
BNP/E3, 144A²-12ᵛ e 13ʳ.



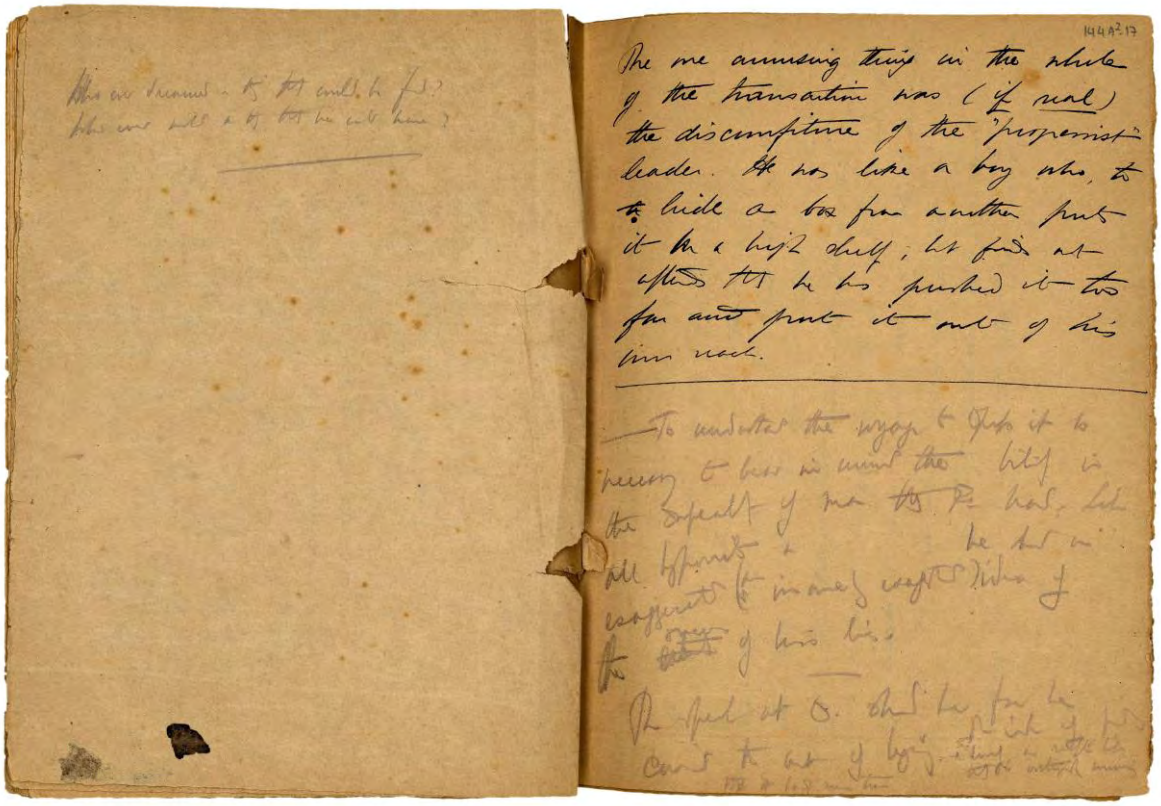
BNP/E3, 144A²-13ᵛ e 14ʳ.



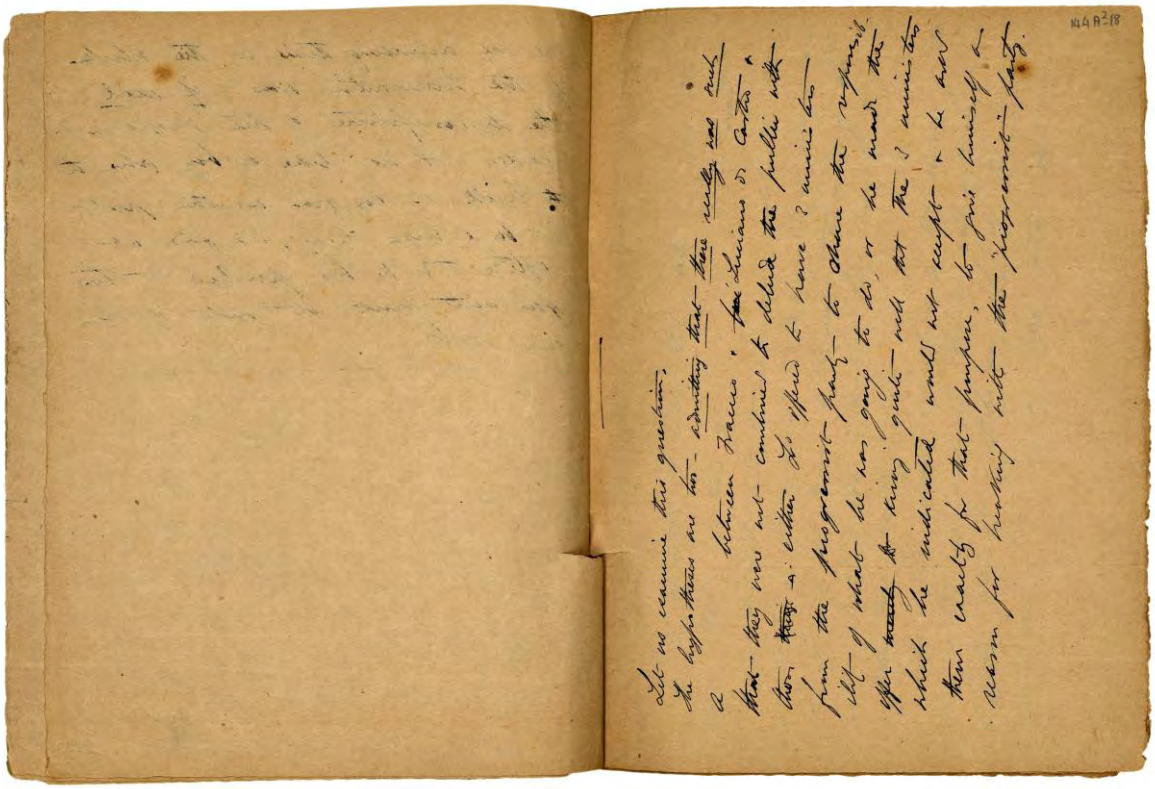
BNP/E3, 144A²-14ᵛ e 15ʳ.



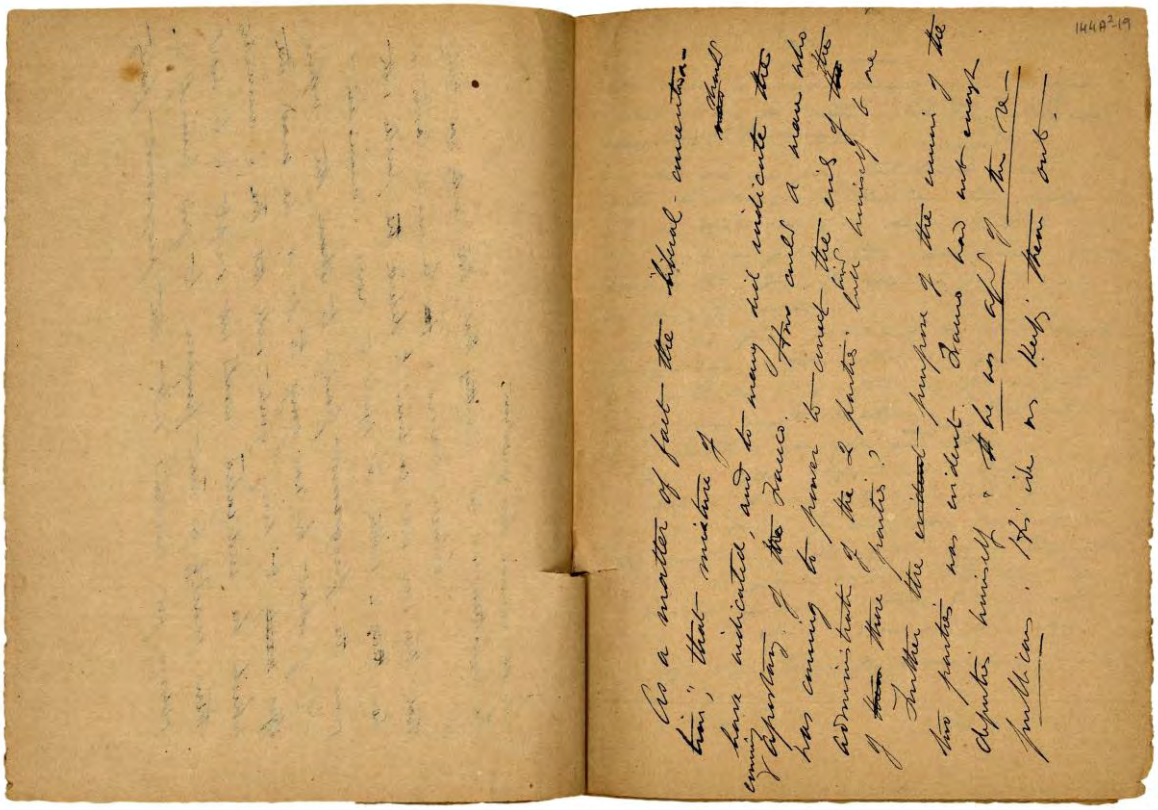
BNP/E3, 144A²-15ᵛ e 16ʳ.



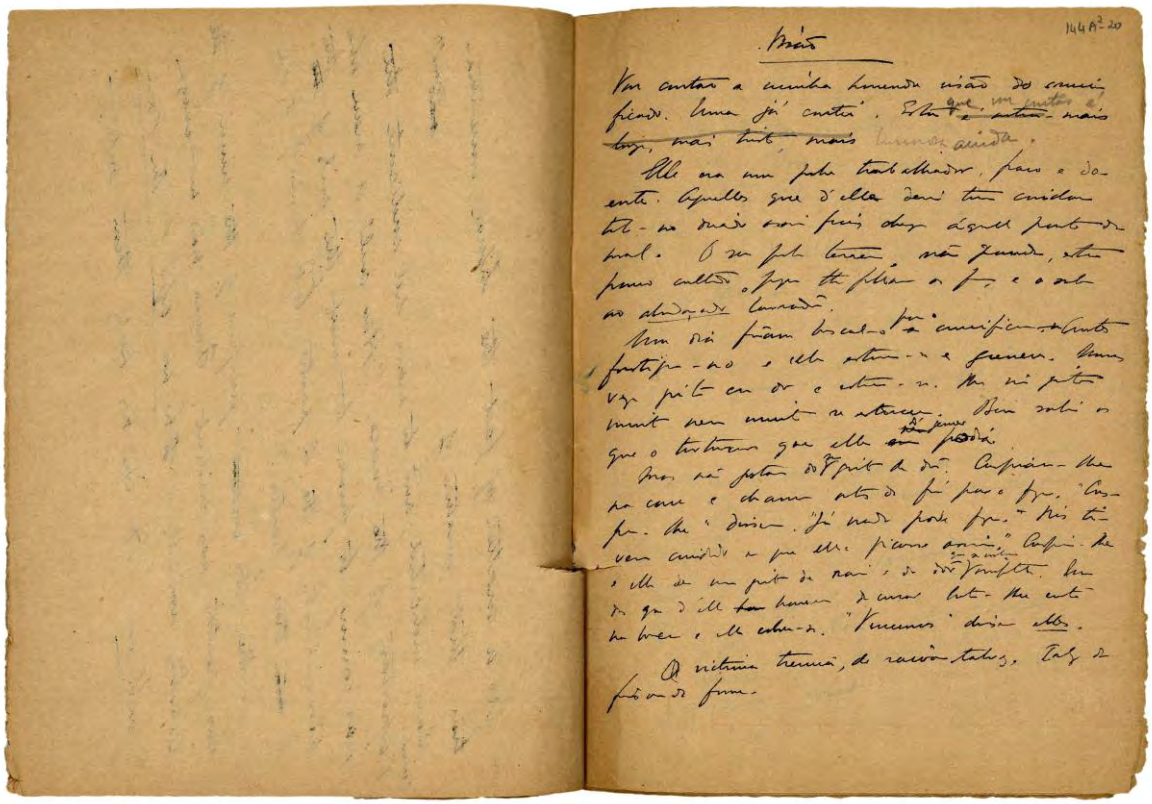
BNP/E3, 144A²-16ᵛ e 17ʳ.



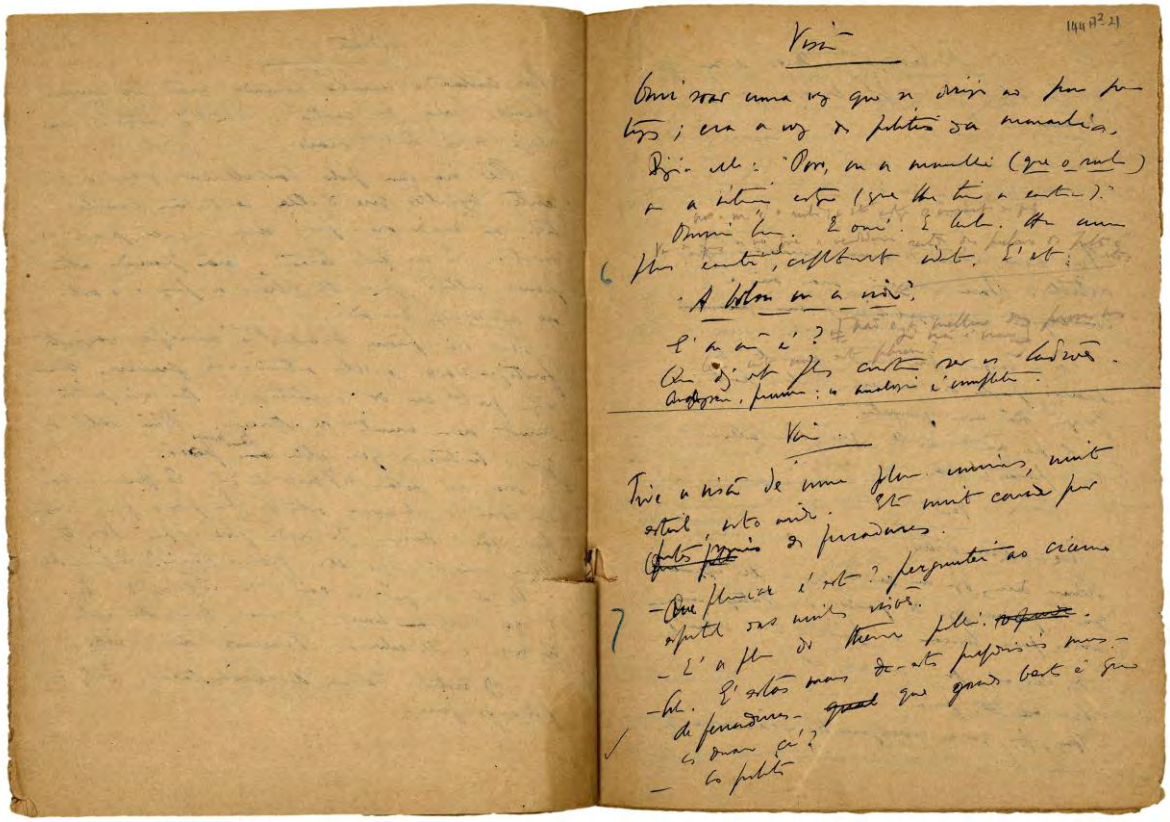
BNP/E3, 144A²-17ᵛ e 18ʳ.



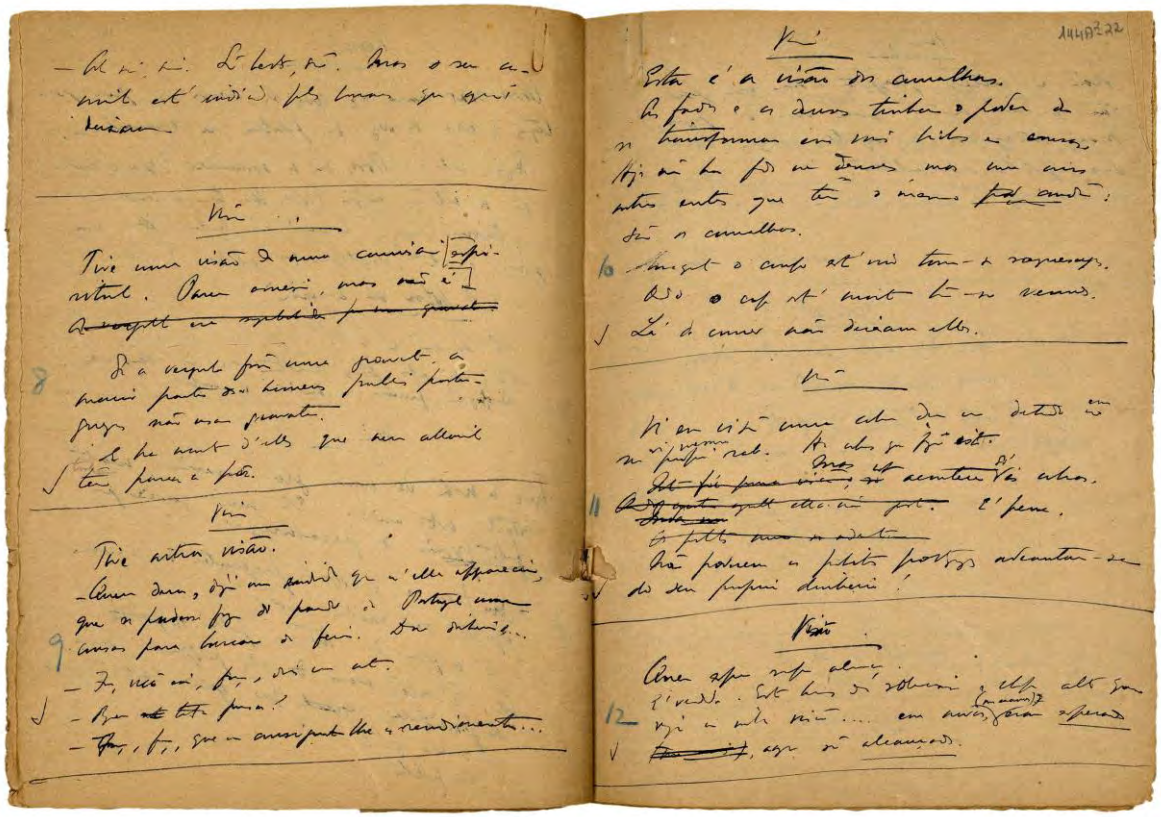
BNP/E3, 144A²-18ᵛ e 19ʳ.



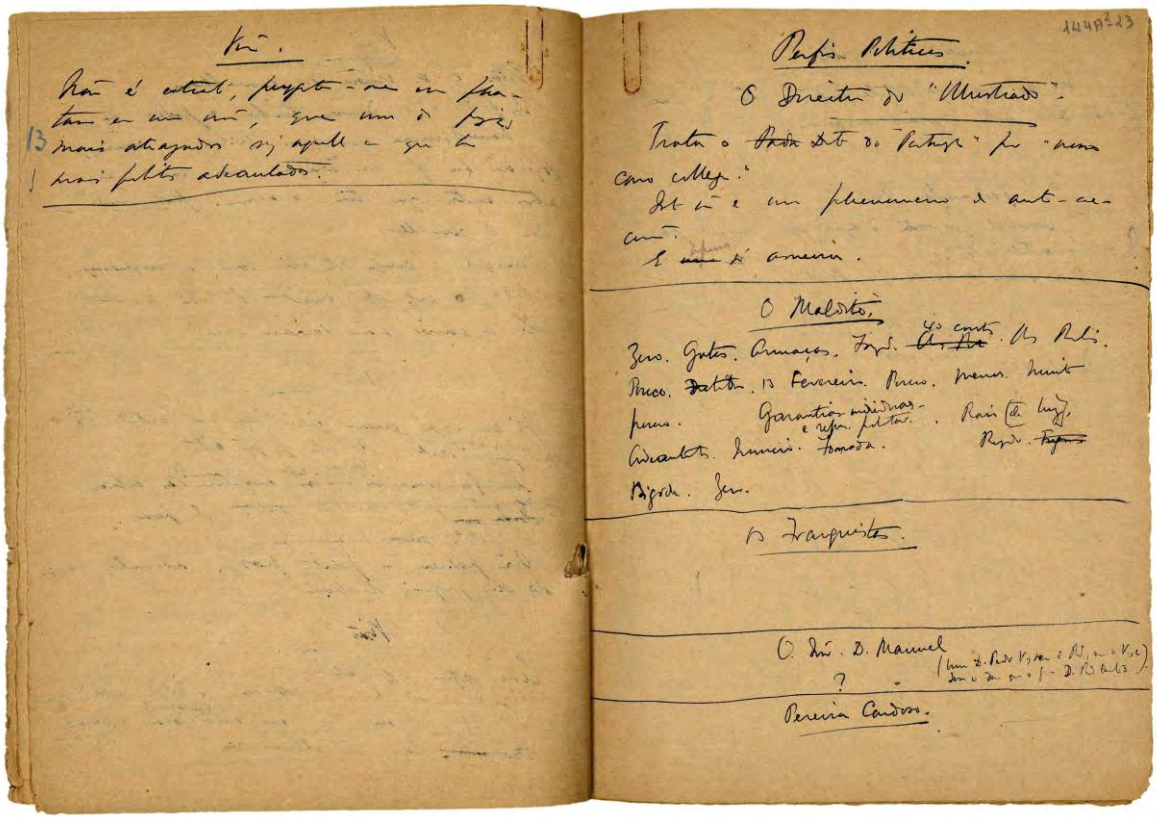
BNP/E3, 144A²-19ᵛ e 20ʳ.



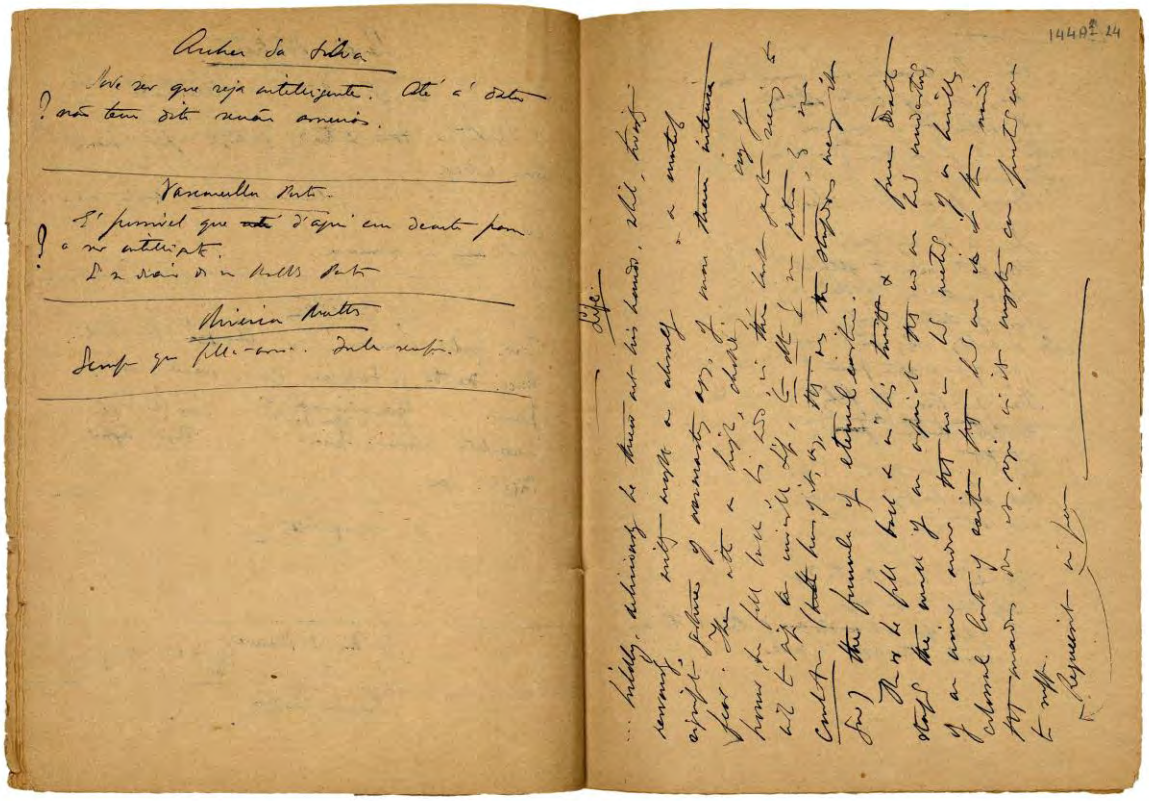
BNP/E3, 144A²-20ᵛ e 21ʳ.



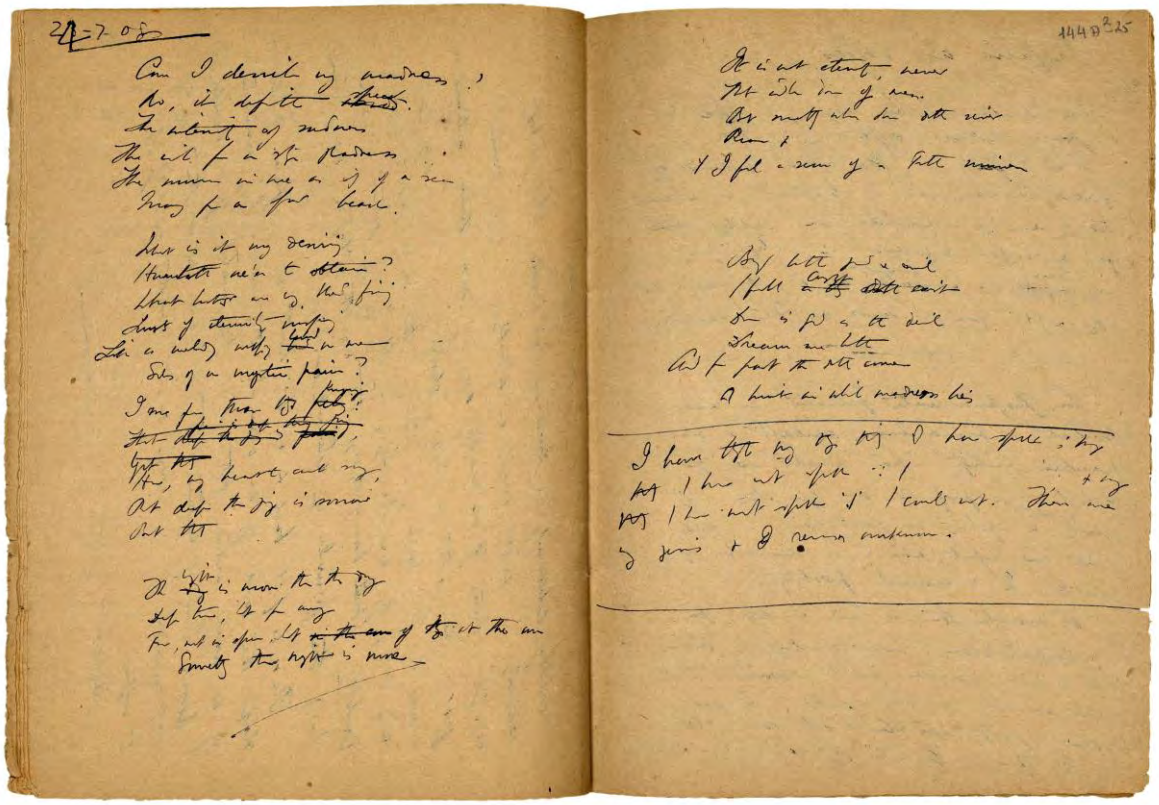
BNP/E3, 144A²-21ᵛ e 22ʳ.



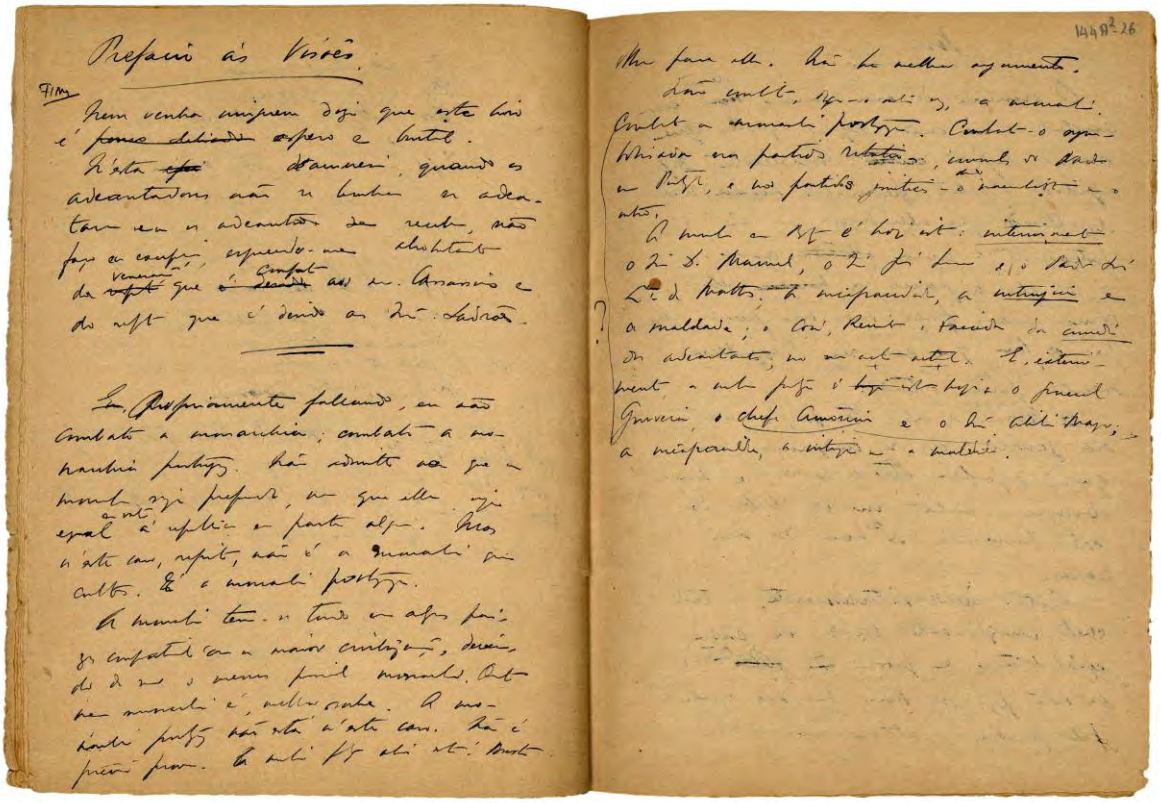
BNP/E3, 144A²-22ᵛ e 23ʳ.



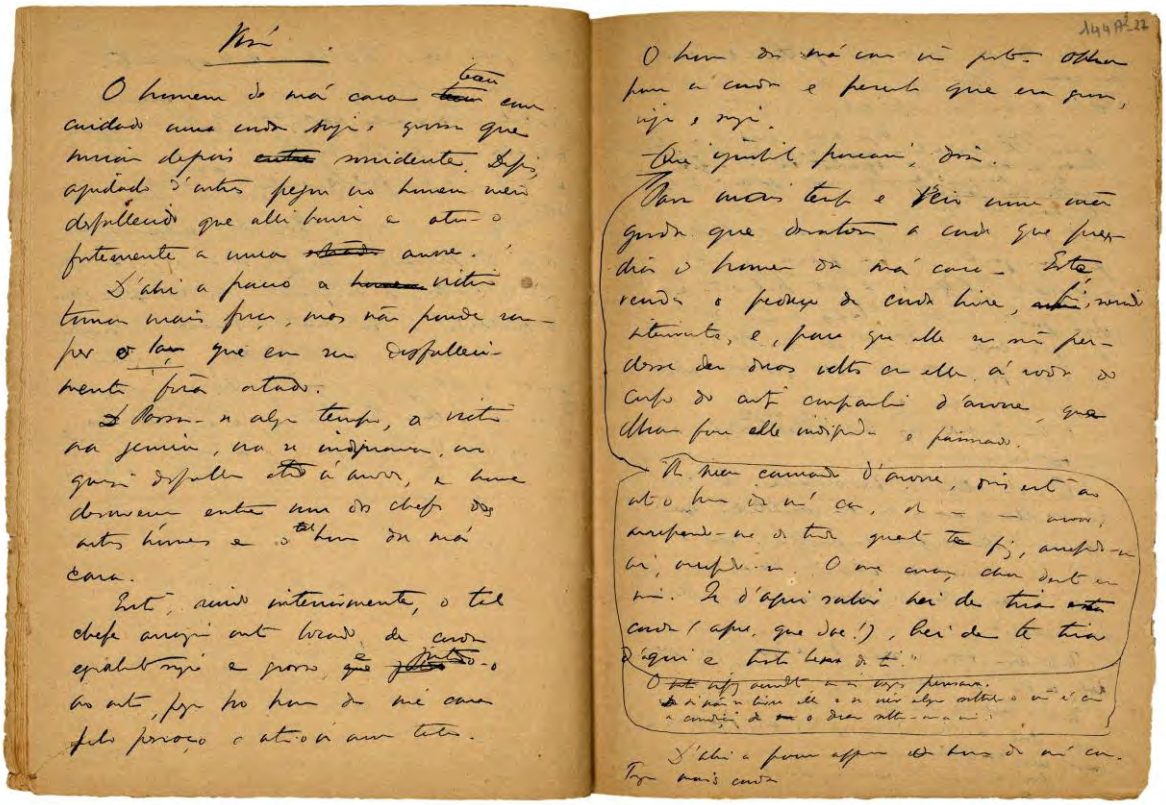
BNP/E3, 144A²-23ᵛ e 24ʳ.



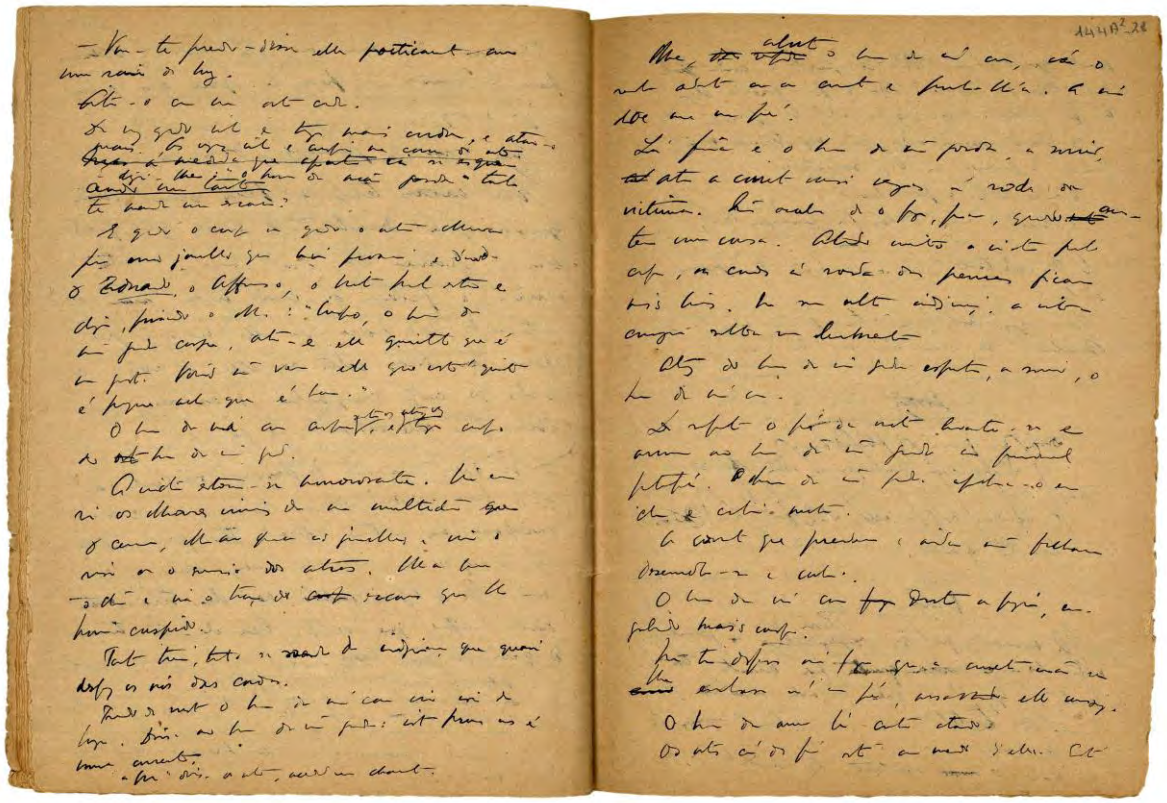
BNP/E3, 144A²-24ᵛ e 25ʳ.



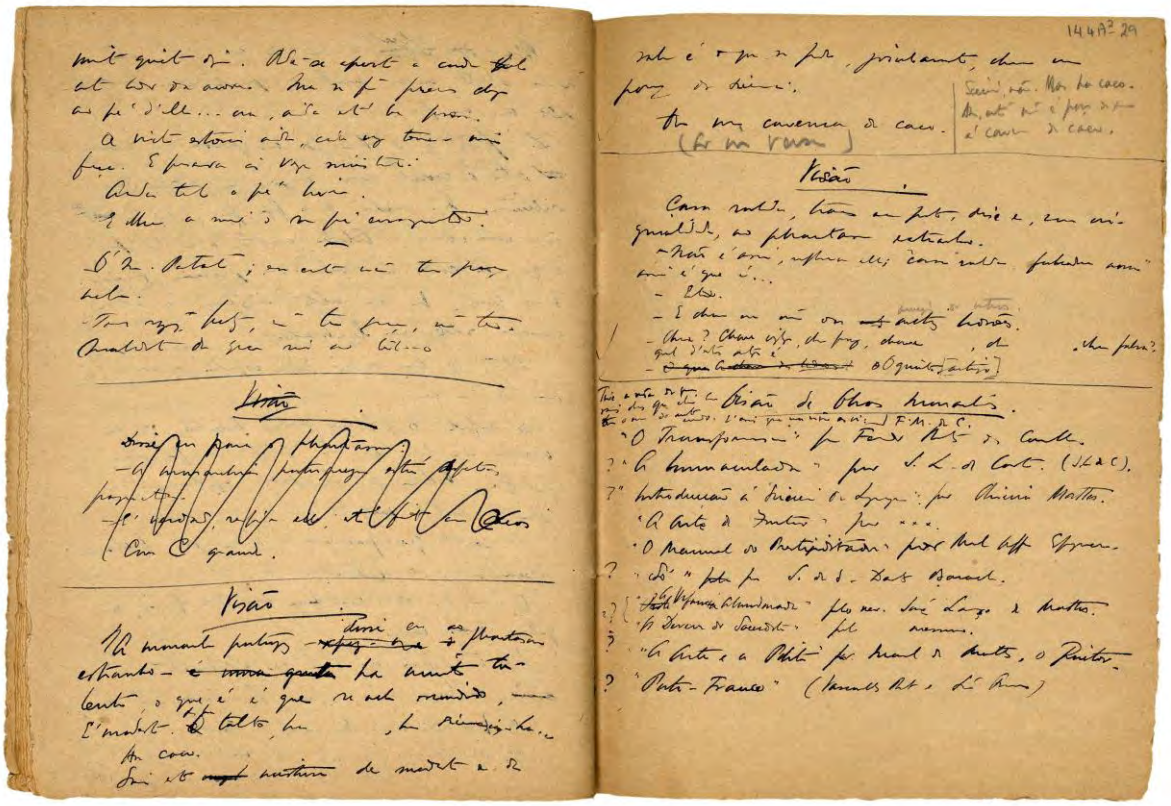
BNP/E3, 144A²-25ᵛ e 26ʳ.



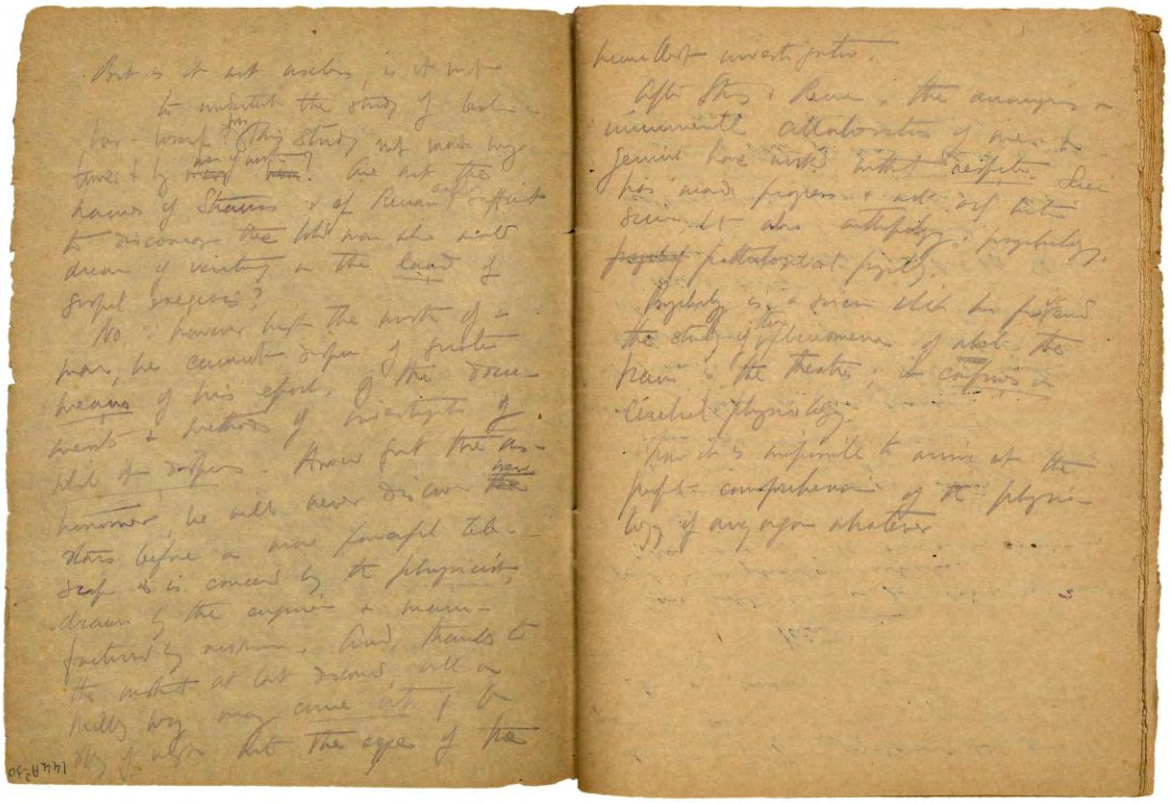
BNP/E3, 144A²-26ᵛ e 27ʳ.



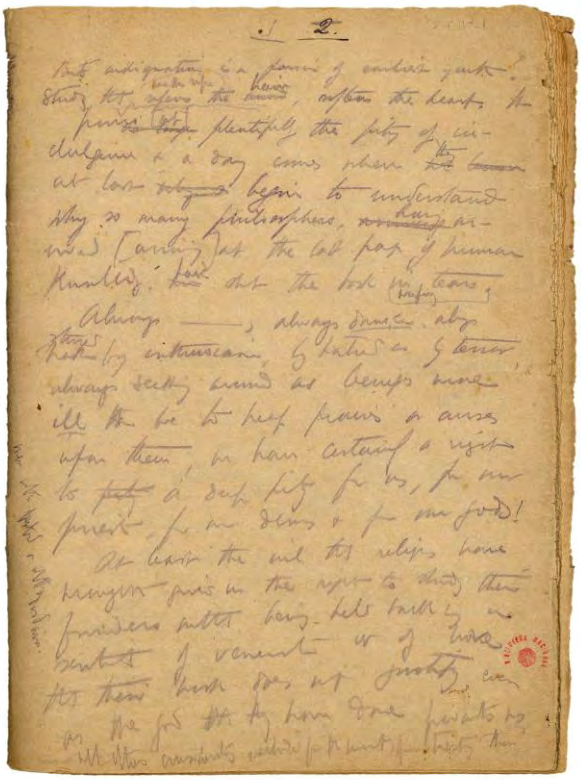
BNP/E3, 144A²-27ᵛ e 28ʳ.



BNP/E3, 144A²-28ᵛ e 29ʳ.



BNP/E3, 144A²-29ᵛ e 30ʳ.



BNP/E3, 144A²- 30ʳ.

Bibliografia

FERRARI, Patricio (2012). *Meter and Rhythm in the Poetry of Fernando Pessoa*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

____ (2011). "On the Margins of Fernando Pessoa's Private Library: a reassessment of the role of marginalia in the creation and development of the pre-heteronyms and in Caeiro's literary production," in *Luso-Brazilian Review*, vol. 48, n.º 2, Outono, University of Wisconsin-Madison, pp. 23-71.

PESSOA, Fernando (2013). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta da China. Colecção Pessoa.

_____ (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. 2 tomos. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, vol. 7.